

AUTORES & LIVROS

ARTE DA LINGUA BRASILICA,

Composta pelo Padre Luis Figueira da Companhia de IESV, Theologo.

7-11-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 12
Vol. IX

Noticia sobre Luiz Figueira

Nasceu em Almodôvar, Portugal, em 1574 ou 1575, e era filho de Diogo Rodrigues e Mayor Revet. Entrou na Companhia de Jesus em Évora em 1592; naquela cidade fez os estudos de Humanidades, Filosofia e Teologia, e se ordenou sacerdote.

Em 1602 embarcou para o Brasil, destinando-se à Bahia. Ali redigiu a Carta Bial de 1602 e 1603 e durante um ano exerceu o cargo de Ministro do Colégio.

Em 1607, já muito adiantado em seus estudos tupis, parte ele, em companhia do Padre Francisco Pinto e 60 índios, de Pernambuco para o Maranhão. Percorreram então vasta região do Nordeste: atravessaram o Jaguaribe, visitaram a terra de Ibiatoba, a aldeia de Jurupariacá (do Diabo Grande), chegando até o Rio Grande do Norte. Sofreram ataques cruéis de índios e de enfermidades, e regressaram a Pernambuco.

Em 1623, realiza ele o seu grande sonho: encontra-se no Maranhão trabalhando;

foi identificar aquela terra e a gente que lá existe com as doutrinas do seu catecismo. Mas o Maranhão, a esse tempo, é um Estado independente do Brasil: e cumpre conhecer-se toda a sua extensão para se poder agir em Portugal as conversações acerca dos problemas ligados à organização da nova terra. Em janeiro de 1636 parte Luiz Figueira do Maranhão, levando consigo o irmão coadjutor João de Avelar, para ir conhecer o Amazonas. Visita então o porto de Una (a léguas e meia da cidade de Belém), o Camutá, o Guarájá, a aldeia de Maturú.

Em 1637 esteve em Lisboa, e ali publicou o Memorial sobre as terras e gente do Maranhão, Grão Pará e Rio das Amazonas, trabalho que teve o duplo fruto de determinar por um lado a criação da administração eclesiástica do Estado do Maranhão e por outro lado chamou nova atenção para o problema das Missões e aldeias dos índios.

Por patente de Roma de 3 de Junho de 1639, foi o

Padre Luiz Figueira nomeado Superior da Missão do Maranhão.

Ao regressar para o Maranhão em 1643, trouxe ele consigo 17 jesuitas, tendo viajado na mesma nau que trazia para o Maranhão Pedro de Albuquerque, herói da guerra de Pernambuco, neto de Jerônimo de Albuquerque Maranhão. Vinha ele como governador do novo Estado. Tendo a nau saído de Lisboa a 30 de Abril de 1643, a 30 de Junho, já nas proximidades das costas paraguenses, foi atacado por furiosíssimo temporal. Vendo a embarcação em perigo, 22 pessoas (entre as quais três eram padres da Companhia), meteram-se em um batel. Estes salvaram-se. As demais pessoas que vinham a bordo — eram num total de 173 — todas morreram. Luiz Figueira, juntamente com nove religiosos e várias outras portuguesas, ficou em uma jangada, no sabor das ondas. Esta foi dar à ilha de Marajó, e ali os Aruás, que estavam em guerra com os portugueses, os fizeram prisioneiros, e por fim os devoraram assados. A morte de Luiz Figueira supõe-se que ocorreu a 3 de Julho daquele ano de 1643.

A POROROCA

LUIZ FIGUEIRA

Este rio (como outros alguns d'estas partes) desta sua foz a 8 ou 16 legoas fêz huã Pororoca, que he hum notavel segredo da natureza; e he da maneira seguinte: nas luas cheias e novas, em que são agoas vivas, em certo lugar no principio da enchente da maré, se repreeza a agoa por algu espaço (sem se saber a cauza desta repreeza, nem o porque se não repreeza nos outros tempos e marés) e dali começa a correr e encher cõ tanta furia, fazendo 3 ondas huãs apos outras sendo a dienteira mais pequena, e logo a 2.ª mayor, e a 3.ª muito mayor, que todas as canoas que diante acha, se estão perto da terra as fas em pedassos ou as alaga; e com esta furia vai continuando 20 ou 30 ou mais legoas em breuissimo tempo, deixando logo a maré de todo quasi chea. E por que muitas canoas, são as vezes obrigadas a encontrar-se cõ esta Pororoca [sic] ou indo cõ ella ou uindo contra ella; o remedio que tem he que uindo a Pororoca [sic] se põe muito direitos cõ a proa ou popa à corrente e os indios remeyros se poe em nado, e procura de levantar a canoa, e ajuda-la a que se leuante para que lhe entre a onda por baixo, e desta maneira (Continua na página 148)

Bibliografia de Luiz Figueira

- Arte da lingua brasilica, composta pelo Padre Luiz Figueira, da Companhia de IESV, Theologo. (Trigrama da Companhia) — Em Lisboa com licença dos Superiores por Manoel da Silva. In-8.º, com 95x145 mm. e 2 ff. não numeradas e mais 91 ff. numeradas (182 páginas). No fim, em folha solta LAVS DEO VIRGINIQUE MATRI, e no verso uma vinhetta de Nossa Senhora. Não traz data; mas é provavelmente de 1621.
- Arte de gramática da lingua brasilica do p. Luiz Figueira, theologo da Companhia de Jesus. (Trigrama da Companhia de Jesus) — Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, na rua da Figueira, ano de 1687, com todas as licenças necessárias. In-8.º 100x140 mm. e 4 ff. preliminares, mais 168 pp. numeradas.
- Arte da gramática da lingua do Brasil, composta pelo F. Luiz Figueira, natural de Almodôvar. Quarta impressão, Lisboa, na officina Patriarcal, 1795. In-4.º, de 2 ff. prelim. e 103 pp. num.
- Gramática da lingua geral dos indios do Brasil, reimpressa pela primeira vez neste continente depois de tão longo tempo de sua publicação em Lisboa, oferecida a s.m. imperial, attenta a sua augusta vontade manifestada no Instituto Histórico e Geográfico, em testemunho de respeito, (Continua na página 148)

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1946).



EM LISBOA.
Com licença dos Superiores.
Por Manoel da Silva.

Página de rosto da primeira edição da ARTE DA LINGUA BRASILICA, de Luiz Figueira. (1576 ?) Parece somente existir em todo o mundo um exemplar — o qual pertence à Biblioteca Nacional de Lisboa

SUMARIO

- | | |
|--|---|
| <p>PAGINA 137:
— Noticia sobre Luis Figueira.
— Bibliografia de Luis Figueira.
— A Pororoca, de Luis Figueira.
— Faria Neves Sobrinho.
— Conferência de A. Carneiro Leão.</p> <p>PAGINAS 138 E 139:
— Relação de vários successos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandês, ingleses e franceses e outras nações (1631), de Luis Figueira.
— Virgílio Melo Franco.</p> <p>PAGINA 140:
— Página dos Autores Novos — XXII — Van Jafa.
— Van Jafa.
— Oferenda.
— Não sei porque te amo tanto.
— Excerptos da "Ronda dos teus olhos".
— Elizabeth e Essex.
— A Cruz de Brilhantes.
— Cântico de amor às fôcas adolescentes.
— Poema para Manu.
— Quando você se fez saudade.
— O Cantaro.</p> | <p>PAGINA 141:
— Raridades de Raimundo Correia.
— Flora de tumules.
— Conselhos.
— As "Poesias Completas" de Raimundo Correia (transcrição do "Jornal do Comércio").</p> <p>PAGINAS 142 E 143:
— Livros Novos.</p> <p>PAGINA 144:
— Clássicos Jacksons.</p> <p>PAGINA 145:
— História do Formalismo no Brasil: Ferreira de Araújo.
— Ferreira de Araújo (nota biográfica).
— Bibliografia de Ferreira de Araújo.
— Algumas fontes sobre Ferreira de Araújo.
— Camões e os Lusíadas, de Ferreira de Araújo.
— O Divórcio e o Senado, de Ferreira de Araújo.
— Do artigo de apresentação da "Gazeta de Notícias", Luis Senior Ferreira de Araújo).</p> <p>PAGINA 146:
— Santa Iria, de Mucio Leão.</p> <p>PAGINA 147:
— "O Côrvo", de Foe. VII Segunda tradução de João Kopke (em verso).</p> |
|--|---|

Conferencias de A. Carneiro Leão

No próximo dia 11, na Academia Brasileira de Letras, o professor Antonio Carneiro Leão, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, pronunciará uma conferência sob o título de Visão panorâmica dos Estados Unidos. Será a primeira de uma série de quatro conferências, devendo as demais realizar-

se em dias que serão oportunamente marcados, nos lugares e sob os títulos que seguem:

— Vida Universitária Norte-Americana, no Instituto Brasil - Estados Unidos; A formação do jornalista nos Estados Unidos, na Associação Brasileira de Imprensa; Projeção Internacional dos Estados Unidos, no I. B. E. C. C.

Faria Neves Sobrinho

Os filhos do Recife vão prestar a Faria Neves Sobrinho uma expressiva e justa homenagem: a de erguer, em uma das praças públicas da sua cidade, o busto, em bronze, daquele encantador poeta.

Faria Neves Sobrinho bem merece essa homenagem. Foi um cantor dos mais inspirados de sua época, um meditativo e melancólico coraço. Se quisermos procurar parentescos espirituais (Continua na página 148)

Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandes, ingleses e franceses e outras nações

A Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Gram Para, assim de paz como de guerra, contra o rebelde Olandes Ingreses & Franceses & outras nações (4 páginas) foi impressa em Lisboa, por Matias Rodrigues, em 1631.

Reimprimiu-se nos Annaes da Bibliotheca e Archivum Publico do Pará, I (1902) 15-23, com notáveis incorrecções, provocadas sobretudo pelo copista de lingua espanhola. Exemplos: o algarismo 2, escrito à castelhana, é dos. Como tal palavra dos também é portugueza, mas com significação diferente, quando este erro se cometeu (e foi mais de uma vez), ficou falsificada a leitura. Outros erros: em por em, nome, por nome, etc.

Com alguns acrescentamentos existe uma cópia, do século XVII, na BNL, Col. Fomb. 475, f. 364-366: Relação de Algumas cousas tocantes ao Maranhão e Gram Para Escrita pelo padre Luiz Figueira da Companhia de Jesus Superior da Residência que os Padres tem no dito Maranhão. É cópia imperfeita. Manuel de Sousa Dossa (De Eça, de Eça) aparece sempre Manuel de Sousa de Sã. O pronome o vem mais de uma vez suprimido, logo de entrada, etc. Publicou-a o Barão de Studart em Documentos, I, 243-253, e com mais alguns erros de leitura, talvez de quem lhe ministrou a cópia.

Não pudemos conseguir o original impresso em 1631, monumento bibliográfico raríssimo, de cuja existência nem sequer suspeitou Innocência. O editor dos Annaes tampouco diz onde ele se encontra, referindo-se apenas vagamente a um Br. Espada, que lhe enviou a cópia. Restava-nos reproduzir a cópia da BNL, Mas, sendo tão incorreta, não nos pareceu isso extremamente útil. Decidimo-nos por esta solução: corrigir os espanholismos da publicação dos Annaes pela cópia da BNL e incluir nela os acrescentamentos desta; e nesta completar as lacunas, em confronto com aquela. Tudo dentro da mais absoluta probabilidade científica, sem uma palavra nossa. Em todo o caso, não sendo a Relação, tal qual a publicamos, reprodução material da dos Annaes, nem da dos Documentos, nem da cópia da BNL, achamos preferível, já agora, atualizá-la na pontuação e ortografia. E com uma vantagem: a de ficar como espécimen correto da forma literária de Luiz Figueira.

Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandes, ingleses e franceses e outras nações 1631

Da curiosidade com que um senhor planta um jardim, de como o cava e rega e corre, para o defender das injúrias do tempo o dos brutos animais, que o não roam com os dentes, nem o sovem com os pés nem com as trombas o focem; e, juntamente, de como este senhor encarece ao hortelão a guarda dele: entendemos o muito que o estima, e as esperanças que tem de gosar

da suavidade da fruta de suas árvores.

Com esta semelhança, podemos de alguma maneira declarar e conceber o muito que Deus estima esta nova Igreja do Maranhão, como jardim seu, em que quere que cresçam e frutifiquem as árvores da Santa Fé e das Virtudes Cristãs, cujo suave fruto pretende colher. Porque, depois que este divino Hortelão o començou a plantar, e muito para considerar o caso que faz dele, edificando-lhe no meio não uma só torre, como da vinha de Israel diz o Profeta Isaías, C. 5, mas 3 fortíssimas torres, de que faz guarda a este seu jardim, que são as três religiões mesticadas, a saber, a de Nossa Senhora do Carmo, a dos Capuchos e a da Companhia de Jesus, as quais, logo em seus principios, trouxe cá, antes de haver moradores. E, além

(1631)

LUIZ FIGUEIRA

E posto que as vitórias e sucessos venturosos foram muitos, neste Maranhão e Pará estes anos passados, no tempo de Jerônimo de Albuquerque, primeiro conquistador, que matou duzentos Franceses, que lhe foram ao encontro, pretendendo impedir-lhe a entrada nesta Ilha Grande do Maranhão; e, depois, vindo no seu alcance Alexandre de Moura, com cuja vinda o restante dos Franceses, que eram outros duzentos, despejaram o forte S. Filipe, entregando as armas e forte aos Portuguezes; e depois, no tempo do Capitão Bento Maciel, que por várias vezes tomou os Holandeses, que faziam fumo e tinham

idolatrias e torpezas, dava Deus ordem com que os inimigos os atropelassem e cativassem.

Mas, neste nosso Maranhão e Grão-Pará, sempre até agora os ajudou e favoreceu, mostrando nisto que quere cá plantar sua Santa Fé. Em especial, sobre os casos passados, se viu isto na successo que agora houve no tempo do nosso primeiro Governador, Francisco Coelho de Carvalho, que foi no modo seguinte.

No ano de 1626, no fim de agosto, chegou a este novo governo do Maranhão o primeiro Governador dele, Francisco Coelho de Carvalho, o qual foi recebido com grande aplauso da Conquista, o qual aplauso até hoje se não diminuiu, e sem dúvida será despedido com saudades, pelo bom successo com que governa. Trouxe em sua companhia o Capitão-mór do Pará, Manuel de Sousa Dossa, o qual em breves dias aviou e mandou para a praça que El-Rei lhe encomendava, succedendo nela ao Capitão Bento Maciel Parente, que havia de 4 anos a tinha governado com grande acellação e aumento da Conquista, acoutando, matando e prendendo os Corsários, que a ela tinham aportado, mostrando em várias occasiões seu valor e bom governo, de que resultou haver naquella Capitania do Pará muitos prisioneiros holandeses e de outras nações, que com eles vinham misturados, a fazer tabaco e commerciar com o gentio do Rio das Almozinas, da banda do Norte.

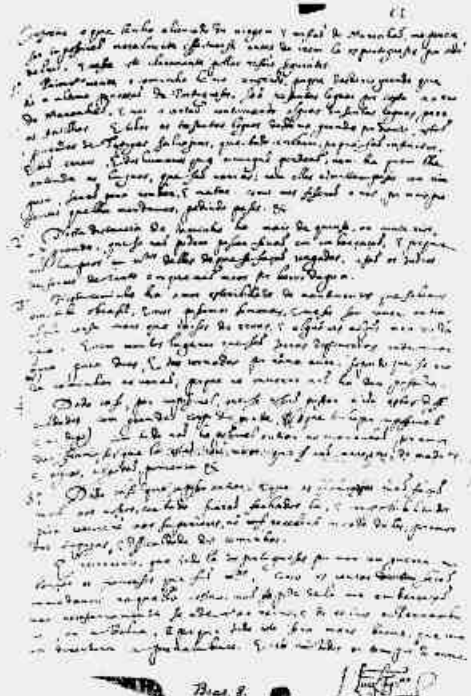
Entre os prisioneiros que ali havia era um chamado Diogo Pórcio, holandês de nação, o qual pretendia alcançar licença para passar a sua terra. E para esse effeito se insinuou na devoção de certo religioso, que ali residia, por meio do qual, com importunação, alcançou licença do novo Capitão Manuel de Sousa Dossa (a quem a sua tomada não custara nada) para se ir por via das Antilhas, em companhia do mesmo religioso, e com ele, finalmente, se embarcou, levando juntamente consigo, com a mesma licença, outros dois seus companheiros dos prisioneiros.

Partidos eles do Pará, veio sua ida à noticia do Governador, que logo mostrou disto desprazer. E indo daí a alguns meses visitar a Capitania do Pará mandou daí precatórios aos Governadores daquellas Ilhas, para que prendessem os sobreditos estrangeiros, que sem sua ordem iam contra a que Sua Magestade lhe tinha dado (da qual não devia saber o Capitão que deu a licença, Manuel de Sousa Dossa nem o religioso que intercedeu). E com este aviso e precatórios foi o próprio Capitão Bento Maciel Parente, cujos prisioneiros eles foram. Partiu de Pará, em Junho de 627. Chegou aquellas Ilhas, achou seus precatórios, fã-to prender. Mas estando para os enforcarem, sã por eles o mesmo religioso, que os levara apadriñados, e ainda que a custa do Capitão Bento Maciel, fã-to soltar. Embarece-os consigo, levã-os a Espanha, e, daí manda-os

para sua terra, onde em breve os tornaram a armas alguns mercadores, dandolhes nav, armas e mercadorias, que chegariam, como eles dizem a setenta mil cruzados, para que viessem fazer tabaco, e que logo lhes mandaria mais gente e cabedal (que tanto caso fazem do tabaco). Vieram em Abril de 628, ao Rio das Almozinas, onde chamava o Tucujá, onde se fortificaram, fazendo uma forte de madeira, com uma cava de 20 palmos de alto e uma barbacã, de 12 palmos de alto, e largo de 15, com seu parapeto em cima, de quatro palmos de alto e largo de outros 4. E todo o forte era quadrado. Tinha 4 pedreiros e uma peça grossa de artilharia. E ali chamavam o Gentio, que lhe fazia o fumo, e commerciam com eles. E, por serem ali já antigos os que dali tinham ido, lhe sabiam mui bem a lingua. No principio do ano de 629 teve noticia de sua estada o Capitão de Pará, Manuel de Sousa Dossa. Mandou lá o Capitão Pero da Costa (o qual é muito grande soldado, natural de Pernambuco, e bem exercitado naquella Conquista do Pará com Indios e estrangeiros) dando-lhe 30 ou 40 soldados Portuguezes e oitocentos Indios frecheiros em 40 canoas.

Chegou Pero da Costa ao sítio dos inimigos. Fez uma Cava defronte do seu forte, a tiro de arcabuz, e nela se meteu com sua gente. Teve logo noticia que em certa aldeia estavam 7 ou 8 holandeses. Manda lá vinte Portuguezes com alguns frecheiros Indios para os tomarem. Sendo lá, acharam-se com 48 inimigos; mas nem por isso os nossos fizeram pé atrás, antes arremeteram a eles com ânimo. E durou o conflito duas horas em uma campina, na qual ficaram 2 Portuguezes mortos, e outros feridos; e da parte dos contrários, outros 2 mortos o outros também feridos. E toda a desgraça foi, que os Indios, que iam com os Portuguezes, vendo os naturais, que acompanhavam os Holandeses, lançaram-se a eles e os porseguram, fazendo neles grande matança, descomperando os Portuguezes, que em desigual número pelejavam com os Holandeses, havendo poucos Indios, que ajudavam. E uns e outros pelejavam, até que, cansados de uma e outra parte, se foram apartando. E os nossos se achavam já sem pólvora nem pelourros, e assim se vieram para a Cava, onde estava o Capitão Pero da Costa com a mais gente.

E, achando-se todos fãtos de munições, e o inimigo bem fortificado, tomaram por conselho largar o pósto, em que com menos consideração que ânimo se tinham metido. E assim se retiraram para o Curupá dali 4 ou 5 jornadas, donde avisaram ao Governador, Francisco Coelho de Carvalho, que estava no Maranhão, do que passava. Sentiu o successo e retirou o Governador, e com toda a pressa esquipa canoas com soldados e Indios do Maranhão, e manda provisão a Pero Teixeira, de Capitão-mór de jornada, dan-



Autógrafa de Luiz Figueira, existente no "Archivum Societatis Iesu Romanum". BRAS. 8, 511 (Apud Serafin Leite — LUÍZ FIGUEIRA — Lisboa, 1940)

destas forças, que são as principais, também defende este jardim com as armas do nosso mui Católico Rei Filipe 3.º de Portugal, que por meio do esforço de seus soldados ou prendem ou põem em fuga os hereges Franceses, Holandeses e Ingleses, que como animais imundos e importunos, pretendem pisar, com os pés, e focar, com a tromba de sua arrogância, este novo jardim, e arrancar as raízes das novas plantas da Fé, cultivadas e regadas com água pura da Católicos doutrina, com que os religiosos sobreditos a refrescam. E isto com tão feliz successo, que não somente a semente má destes hereges não frutifica, antes se extingue, ficando eles convertidos e reduzidos à nossa Santa Fé Católica, como de feito se reduziaram estes anos, todos os que se foram tomando em várias occasiões.

feitorias; e em uma occasião com duas ou três Canoas e 6 ou 7 Portuguezes, não mais, acoemete um navio e, pregando-lhe o leme, o apertou com tanto rigor, que o obrigou a dar-se fogo e abrasar-se. Dos quais successos podemos colher que os ânimos portuguezes ainda têm seu vigor, quando Deus, por seus justos juízos, os não quere castigar, como foi na Baía e Pernambuco, em que isto se viu evidente, pelos graves pecados, que se faziam contra sua divina Magestade, e houve-se Deus com eles como antigamente com os filhos de Israel, de que diz a Escritura Sagrada, no 3.º c. do Livro dos Juizes, que lhes deixou Deus inimigos entre eles mesmos, para os ensinar a guardar sua Santa Lei com o rigor do agouto, que deles haviam de receber. E, com effeito, como os filhos de Israel se desmandavam em

Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandes, ingleses e franceses e outras nações

(1631)

do-lhe seu regimento, e por ordem, que tratasse de impedir ao inimigo o comércio e trato com o gentio, afugentando-lhe e impedindo-lhe todo o socorro, que dele pudesse esperar, que era um modo de cerco, porque sem gentio não poderiam os inimigos conservar-se muito tempo. E, no mais, fizesse o que as ocasiões lhe permitissem.

Recebido o aviso e ordem do Governador, partiu-se Pero Teixeira com a pressa possível, do Pará. Com a gente que lhe veio, foi-se ao Camutá, que é caminho, aviar de farinhas e de algum mais gentio amigo. E, com isso, se foi ajuntar com Pero da Costa, em a Curupá, onde fez resenha de toda a gente. E se achou com cento e vinte soldados Portuguezes, gente de efeito, poucos em número, mas no ânimo mui resolutos, e teriam consigo mil e seiscientos índios frecheiros, os quais todos se embarcaram em noventa e oito canoas, em busca do inimigo, com suas espadas diante em canoas ligeiras.

Chegado que foi Pero Teixeira, distância de meia légua do forte holandês, a 28 de Setembro, mandou varar as canoas em terra, fez sua Cava e trincheira de terra e madeira. E ao dia seguinte foi marchando à vista do forte do inimigo, o qual cercou com uma Cava funda. Nela meteu a gente. E assim os teve cercados o dia seguinte, havendo, de parte a parte, muitas arcabuzadas, sem da nossa parte, haver dano algum. E porque dentro do forte havia muitas casas de palmeira, trataram os nossos de lhe dar fogo com frechas e flechas. E sem dúvida teria efeito, senão acerta um índio de dar fogo a uma casa, que estava de fora, que serviu de aviso aos inimigos, para logo desfazerem as casas de palmeira. Vendo o nosso capitão que não se conseguia o efeito, retirou-se para a sua trincheira, pretendendo de se ocupar em dar assaltos aos inimigos. Eles também vieram reconhecer a força dos nossos várias vezes. E nestas saídas houve vários encontros, de que os nossos sempre ficaram de melhor partido, porque lhes mataram 12 homens e muito gentio, e eles a nós nunca nos fizeram mais dano, que mataram 3 índios dos nossos, que acharam desmandados. E a um soldado Portuguez deu uma bala no pescoço, que o fez afocinhar, caindo a bala no chão, amassada, sem lhe fazer mais dano, que crear-lhe a carne; e alguns dias deitou sangue pela boca e narizes. A outro índio deu outra bala na barriga; e da mesma maneira lhe caiu aos pés, sem lhe fazer dano. No que bem se viu, que o Céu nos defendia. E assim ficaram pasmados os inimigos, quando depois lhes disseram que a sua arcabuzaria nos não tinha feito dano algum. Depois de 3 ou 4 encontros, que houve desentendidos (em um dos quais se lhe matou um índio principal, que era todo seu remédio, porque por sua ordem lhes vinham mantimentos das Aldeias) chegaram os inimigos a estado miserável, mas ainda com coragem,

por esperarem socorro cada dia. Sendo porém em 17 de Outubro, senão quando apparecem 4 homens com uma bandeirinha branca, que vinham em demanda da nossa trincheira. Responderam-lhes os nossos com outra bandeira branca. E foi o Capitão Aires de Sousa com alguns soldados ao caminho, a quem eles

armas. E o que resultou da prática foi que ao dia seguinte se assentariam as pazes e modo de entrega, que havia de haver.

Ao dia seguinte se escreveram cartas, deram-se refens e se viram os Capitães

Pero Teixeira com alguma da sua gente, e os prisioneiros repartidos. E se partiu para Curupá, ficando ainda muitos dos nossos ali.

Depois do nosso Capitão partido, a dois dias ou 3, chegaram ao mesmo lugar 2 naus e um pataxo, e outras duas ou três lanchas, que vinham a socorrer os cercados seus companheiros. Dispararam muita artilharia, em vão, e trataram de deitar gente em terra, porém, os nossos das cilladas que lhes fizeram os iam recebendo de tal maneira, que lhes mataram 4 dos seus. E com isso os fizeram recolher outra vez, e dando à vela se tornaram para onde tinham vindo. Estes se affirmam serem Ingleses, em companhia do Capitão Nort, que ali perto depois tomou sitio, e fez outro forte, não muito longe, de que depois os nossos tiveram noticia. E agora tornou lá o mesmo capitão Pero Teixeira, por ordem do Governador, com a mesma ordem que para os Holandeses lhe tinha dado. Esperamos com o favor divino o mesmo successo.

Nessa ocasião se assassinaram alguns índios muito, mostrando grande valor nas escaramuças, entre os quais um chamado Caragatajuba, Potiguar, do Rio Grande. Indo a um assalto, vendo 3 canoas dos índios naturais, aliados com os Holandeses, toma a espada na boca, lança-se a nado, e as foi alagando uma e uma. E saindo em terra, as frechadas matou muitos deles. Em outro encontro com os Holandeses viu este mesmo índio um deles de bom jeito. Arremete a ele, para o trazer vivo nos braços, e sem dúvida o trouxera se lhe não acudiram outros 4 ou 5 holandeses que lhe impediram as cutiladas, das quais todas se defendeu com uma rodela e com as mãos, ainda que com algumas cutiladas, se meteu por baixo de uns paus e ramos, e se livrou deles. Outros fizeram outras cavalarias sem nunca morrer nenhum mais que os 3, que no principio dissemos, e os dois Soldados Portuguezes naquele primeiro encontro. E em todo este tempo era notável a força que estes índios faziam ao Capitão, que os deixasse escalar o forte que eles se atreviam a entrar, mostrando-se enfadados da dilatação da guerra, querendo logo vir às mãos com os inimigos. Mas o trabalho é que não vem disto nenhum galardão em nome de El-Rei.

Recolhida toda a nossa gente ao Curupá com o Capitão Pero Teixeira mandaram-se os prisioneiros (que eram oitenta pouco menos) para o Camutá, sertão vizinho da nossa povoação e cidade de Belém do Pará, donde o Governador depois os mandou buscar para este Maranhão os mais deles, ficando outros no mesmo Pará e outros no Caeté, nova Capitania, no meio do caminho entre este Maranhão e Pará, para que, assim espalhados, não reinete tanta malícia. Porque, agora estes havia outros muitos, seus companheiros e parentes, tomados nas ocasiões passadas.

Por este, e pelos mais successos passados, podemos entender que Deus Nosso

Senhor favorece estas conquistas, e quer fundar nelas a Santa Fé, ainda que para isto faltam ainda obreiros e ministros do Evangelho, que se ocupem com o gentio, o qual negócio, com tudo o mais, depende de Sua Majestade favorecer este particular, com consignar alguma esmola aos que nisto se houverem de ocupar. E é cousa evidente que para se evitar o comércio dos estrangeiros naquelas partes, não tem Sua Majestade melhor meio, que pôr ali religiosos, que domesticem o gentio, para que assim não os admitam a fazer tabaco. E ainda que não pode haver ali religiosos sem armas, contudo por de mais importância tenho haver religiosos que armas, para o tal fim. Porque, por armas não hão-de deixar de vir estrangeiros a fazer tabaco, se o gentio lhes der entrada e lhes administrar as roçarias para o tabaco, o qual eles não podem fazer sem este ministério do gentio.

Isto o que toca ao bem e proveito temporal, quietação dos vassallos de Sua Majestade. O que se prova também com o successo do Estado do Brasil, que no Rio Grande e Paraíba só as Aldeias, que os religiosos têm a cargo, se não inquietaram, e as demais se lançaram com os Holandeses.

Quanto ao bem espiritual e conversão do gentio, e ainda a mesma conservação do mesmo Gentio, por si se deixa entender que só e totalmente depende dos religiosos, que a isso dedicam suas vidas, pelo bem das almas, e honra de Deus, sofrendo incomportáveis trabalhos, sem pretender, nem tirar para si commodidade alguma temporal, antes carecendo de todas as que em seus conventos têm. O que não sei se consideram esses senhores dos Conselhos que tão escassos são, para este universal bem, da fazenda de Sua Majestade, havendo-se liberalmente noutras cousas, que não se compram com estas. E prova boa é, dos grandes trabalhos, que nisto se padecem, o não poderem com eles os religiosos de Santo Antônio neste Maranhão, antes sobrados deles, largarem este ano passado, o cargo que tinham da administração das Aldeias do Gentio, sendo os ditos religiosos tão zelosos, e sendo providos nelas por provisão particular de Sua Majestade. E, assim, encampando-as ao Governador, se recolheram a seu convento, ficando as Aldeias desamparadíssimas, como estão, morrendo cada dia sem confissão e sem baptismo, bradando por ela cada dia, com grande lástima do quem o sabe e o não pode remediar.

Finis, Laus Deo.
(Serafim Leite — Luiz Figueira — Lisboa, 1940).

LEAL DE SOUSA

Registrou-se, esta semana, o falecimento do escritor Leal de Sousa. Pertenceu à geração de Bilac, de Emilio e de Alberto, e foi um dos representantes do Parnasianismo brasileiro em sua última fase. Deixou um formoso livro de poemas — *Boque Sagrado*.



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS



LUIZ FIGUEIRA

A SUA VIDA HERÓICA
E A SUA OBRA LITERÁRIA

por

SERAFIM LEITE

Da Academia Portuguesa da História
e da Academia Brasileira de Letras

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

1 9 4 0

Faça da résto da obra de Serafim Leite — LUIZ FIGUEIRA. A SUA VIDA HERÓICA E A SUA OBRA LITERÁRIA. Lisboa, 1940.

logo entregaram as armas, e se vieram com ele apresentar ao capitão Pero Teixeira. Fizeram-lhes as cerimônias costumadas, de olhos tapados, e, apartando-os, os examinaram: 3 deles eram Escoceses, e um deles Cavaleiro com esporas calçadas. A galsa da sua terra; outro mui bom latino; o 3.º era um mancebelhão, bem disposto, todos 3 católicos; o 4.º era um mulato de casa do Conde de Santa Cruz, que eles tinham no Cabo Verde tomado, trazendo-o consigo.

Estes 3 estrangeiros declararam como eles eram vindos enganados, e que não imaginavam que cá havia Portuguezes, nem guerra com Católicos, nem eles a queriam. Quanto aos outros, que estavam tão faltos de mantimentos, que entenderam que com qualquer partido se renderiam. Serviu isto aos nossos do tomarem mais ânimo e apertarem mais com os inimigos. Saíram ao dia seguinte a eles, e houve entre eles muita pelourada, de que os nossos não receberam dano algum. Por fim de contas, os que se tinham vindo para nós, lhes começaram a falar de dentro da Cava, aonde estavam os nossos pelejando contra os seus. Responderam eles de lá do seu forte; e continuou-se a prática, cessando já as

e, finalmente, se assentou que os Holandeses entregariam as armas e munições, mas que lhes ficaria a sua fazenda, para tratarem com ela entre os Portuguezes, e que, havendo pazes com El-Rei, lhes dariam passagem para suas terras, e que isto se fizesse dentro em 3 dias.

Passados os 3 dias, pediram outros 3, dando por razão que andavam uns companheiros seus ausentes. Passado este segundo termo, pediram mais. Traça era esta para se entreterem até lhes vir socorro, que esperavam.

Senão quando, no mesmo dia, vem dar às mãos dos nossos um índio que lhes trazia um feixe de morrião, e umas cartas, de duas naus, que estavam pelo rio do Pará abaixo, e já tinham noticia do aperto em que estavam os do forte. E lhes diziam nas cartas, que entretivessem os Portuguezes, ou por paz, ou por guerra, que logo seriam com eles a ajudá-los. Sabendo isto, o nosso Capitão com eles, que effeitossem logo o que tinham assentado; e, quando não, estariam pelo rigor da guerra. Com esta resolução se entregaram no mesmo dia, com tudo o que tinham. Despejou-se o forte e se lhe pôs fogo, e derribou. E ao dia seguinte se embarcou o nosso Capitão

PAGINA DOS AUTORES NOVOS

XXII — VAN Jafa

Elizabeth e Essex



Van Jafa

Van Jafa

Van Jafa é o pseudônimo literário de José Augusto Faria do Amaral. Nasceu na cidade do Salvador, Bahia, no dia 4 de janeiro de 1927 e filho de D. Josefina Faria do Amaral e Adenilson Corrêa do Amaral.

Fez o Jardim da Infância na Escola Pública Anísio Teixeira, em Salvador; nessa mesma cidade completou os estudos secundários no Colégio Ipiranga e o Curso Complementar no Colégio a Bahia. Curso atualmente na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil.

É um apaixonado das letras e um estudioso das literaturas brasileira e inglesa. Começou, ainda adolescente, a publicar trabalhos na imprensa de Salvador.

Fixando-se no Rio de Janeiro, fez-se cronista cinematográfico de *Vamos Ler!* e foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos.

Poeta que é, sua inspiração se divide entre a poesia lírica e a humorística.

Bibliografia

— *Ronda dos teus olhos* — Capa de Ubi Sava — Gráfica Editora Aurora Ltda. — Rio, 1948 — 100 pgs.

— *O Universalismo em Eça de Queiroz* — Conferência na Casa dos Poveiros; repetida na Sociedade "Idéia", em agosto deste ano.

— *As longas conversas que tive com teus olhos* — contos. As mães terríveis — novela em preparo.

Oferenda

As que amam silenciosamente.

A todos aqueles que passaram e foram amados sem saber.

A todos aqueles que passando foram amando sem dizer.

Não sei porque te amo tanto

Olhei para o céu e estarecido vi
minhas galvoas negras
voando como brasas acesas
lembrando suaves lanternas chinesas...
E, indignado, binoculando
o horizonte noturno,
indaguei: — qual o doido
que pos fogo nas minhas galvoas negras?

PRIMAVERA DE 1946

Excertos de "Ronda dos teus olhos"

Quando tua face, que emergiu do barro, retornou ao barro, não te esqueças daquele que sempre te colocou entre Deus e ele...

Ao olhar um retrato teu, em que parecias ouvir música, meus olhos te compreenderam e as saudades desceram mudas pela face...

Teus olhos são um escândalo de lirismo humano...

A saudade deve ser chuva...

Noite formada de muitas ausências.
Onde teus olhos esta noite?...

— Mata-o!
— Majestade... Ele é o vosso Amor!
E o vosso príncipe encantado.
E todo o vosso anseio e esplendor...
E o tesouro do vosso coração
de mulher e de rainha.
Perdoai-me se vos falo assim.
Mas é com sobejo razão.
E curvou-se o ministro até o chão.

— Mata-o!
— Majestade...
— Cumpra-se a ordem... Palavra da rainha...
— Majestade, vós estareis arrependida após a consumação.
— Para meu Amor ser só meu, esta é a única solução.
Prefiro chorá-lo a vida inteira, a abel-lo em outras mãos.
E deixou os olhos fixamente perdidos num retrato a óleo enquanto ouvia o rufar dos tambores da execução.

PRIMAVERA DE 1947

A Cruz de Brilhantes

A MINHA MÃE

Era uma joia de estimação...
Imensamente bela, toda de ouro,
cravejada de brilhantes,
era um tesouro.
Muito dinheiro valia
aquela perfeição.
Ninguém a via,
sem uma grande e profunda exclamação.
Um oh! Incontido,
um beio desconhecido...
De minha Mãe, no peito,
aquela joia sem defeito,
causava verdadeira admiração.
Os brilhantes falsavam,
como verdadeiras estrelas...
Parecia um infinito de harmonia,
quando minha Mãe a trazia,
com orgulho de gente rica. Inveja de gente pobre.
Um dia, era eu ainda muito criança,
vivía de sonhos realizados,
e de esperanças,
era só pedir e ter meus desejos vivificados...
... Não vendo mais minha Mãe usá-la,
um dia perguntei — "a tua cruz mamãe?"
— "Guarda-a meu filho",
Mas aqueles olhos e aquela voz tão eram de
quem guardara.

Passaram-se os anos...
... Sucederam-se os invernos de privações,
Desabrocharam as primaveras de esperanças.
Até que um dia tivemos verões de compensações.
E então adolescente, eu soube um outro dia,
que a cruz fora vendida para minha educação.
Tive saudades daquela cruz de brilhantes.
Minha Mãe, com uma diamantina feia,
disse-me — "Meu filho, existem outras cruzes eternas.
Aquela era efêmera e profana.
A cruz do Senhor é de madeira, mas sempiterna.
Tú és a minha maior joia, o meu diamante,
a minha cruz de brilhantes".

E entre lágrimas, no santuário do meu coração,
jurei cingir-lhe um dia a altiva fronte,
com uma coroa de louros e diamantes!
E de ver no peito já cansado pela cruz dos anos,
voltar a brilhar,
o cruzelido do sul
da minha glória resplandecente,
e no peito de minha Mãe, condensada sob a forma
de uma — cruz de brilhantes!
Uma joia de estimação,

NATAL DE 1941

Cantico de Amor às focas adolescentes

Mulheres iguais às outras,
Focas fatais
Trajando negro brilhante,
De vestidos colantes e sensuais,
Focas cor de ébano,
Eu vos quero
Além da metafísica dos problemas raciais!
Languidas, gelatinosas,
Doces filhas da Groenlandia!
Mulheres assim não existem iguais.
Porque "nuances" no andar,
E são requintadas no amor,
Não se restete a um sorriso de foca adolescente,
Nem a um olhar boreal,
Tristes como a verdade,
Distanciadas filhas do Polo Norte,
Amantes virginaes,
Focas,
Noites com estrelas na alma,
Eu vos amo acima do Bem e do Mal!

Poema para Manu

Esquecidas na paisagem
estavam vacas octogenárias
pastorando as vacas adolescentes,
à semelhança de mulheres perdidas
nos homens... nos acontecimentos... na vida
combolando suas ilusões também perdidas...
Pelo chão aboboras gigantescas
faziam lembrar "blimps" abatidos...
Entre as acélias alucinadamente loiras
um poeta adolescente de "pull-over" listada
comia torta de maçã apaixonadamente.
Pendurado pelo pescoço,
numa árvore, estava o irmão que eu não tive,
que por nunca ter pecado,
por excesso de puritanismo foi enforcado.
A noite vinha perto.
Ouvia-se o tropel dos cavalos celestes.
De binóculo eu assistia ao "debut" das estrelas
na "boite" do meu terrapão.
Ao longe ouvia-se o "roselar" dos grilos
e dentro do meu ser
minhas células pensavam em VOCE.

Quando você se fez saudade

Fôlhas brincando de cranda
Pelas calçadas desertas...
Crianças de olhos ternos,
De faces doces, de vidas claras e incertas,
Por onde o Amor ainda não passou.
Vento que tomou a forma do que não usei.
Mãos acenando adeuses em todos os aeroportos
do universo.
Bocas que não foram colhidas,
E muitas outras coisas que permaneceram esquecidas.
Rosas sepultadas entre páginas de livros invorçados.
Vida apenas imaginada.
Vontade sem berço. Emoção simplesmente desejada.
Vés de noivas, símbolos vazios, leitões sem amor.
Inutilidade do braço de virtude daquele que não pecou.
Pensamentos escondidos na noite, a esterilidade da dor.
No círculo de luz do "abat-jour"
Uma máscara negra
Ainda anima olhos que pertenceram
A um rosto de Anjo.
Inspiração de um poeta.
Beleza intocada, forma não possuída.
Máscara de um amor sem solução.
Canção proibida na realidade de um poeta.
Que, com os olhos nos olhos da máscara,
Sente a própria vida.

INVERNO DE 1948 — RIO

"O Cantaro"

Havia um cantaro entre outras coisas...
As ninfas entoavam canções de Amor
Para os efêbos indiferentes.
Havia um cantaro entre outras coisas...

Um cantaro
Onde jogavas teus olhos para ver
Tua face junto à minha
Submersa na paisagem líquida...
Nesta água vive ainda
A eterna nostalgia da fonte mestra
Da Era em que juntos fomos leito de rio...
Guarda a mesma angústia das imagens remotas
Como teus silêncios compostos de mistérios esquecidos.
Silêncios reveladores da nossa participação no
mesmo segredo...
Identidade de sonhos, de ansias, de desejos de
famlidão...
Cantaro e água na translação dos séculos
(metamorfosaram-se...
Hoje é poesia...
Eu também mudel — agora sou poeta
Voltado para a fonte mestra — teus olhos.
Havia um cantaro entre outras coisas...

*Eu fui S. Francisco de Assis
(1948 - inspirado)*
*Conceito absolutamente atenuado
e insuportável no contexto
do sempre desajeitado e feio
um pouco de justiça.*
Van Jafa

Autógrafo de Van Jafa

As "Poesias Completas" de Raimundo Correia

Com a devida vênia, transcrevemos a nota que em sua edição *Livros Novos* (que é, notoriamente, da responsabilidade do escritor Bérilo Neves), último domingo, (31 de outubro), deu o *Jornal do Comércio*, registrando o aparecimento da edição das *Poesias Completas* de Raimundo Correia, edição essa organizada, prefaciada e anotada por Mucio Leão:

RAIMUNDO CORREIA — "Poesias Completas" — (Organização, prefácio e notas de Mucio Leão) — Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1948.

Depois de cultivar, vigorosamente, o conto, a crônica, a crítica literária, a poesia — o sr. Mucio Leão converteu-se pelo caminho do ensaio, e, nesta nova fase da sua atividade intelectual, tem-se revelado um pesquisador de assombrosa capacidade de trabalho e de superior senso estético. Como o arquiteto que, após edificadas muitas obras, se torna, por isso mesmo, capaz de descobrir os méritos ou defeitos das obras alheias, o sr. Mucio Leão está naturalmente habilitado a lobrigar, num lance de olhos, o plano de uma construção, o traço de um edifício. No terreno da bibliografia, seus serviços à cultura nacional impõem-se como dos mais opulentos até hoje registrados na nossa história literária. Andaram bem, pois, os editores que lhe confiaram o coligar as "*Poesias Completas*" de Raimundo Correia — um dos nossos poetas máximos, de todas as épocas. Não era a primeira vez — e o livro — que o sr. Mucio Leão fazia pesquisas sobre os trabalhos do autor de "*As Pombas*". Em "*Ensaio Contemporâneo*", consagrara-lhe um estudo, em 1923; mais tarde, reservou-lhe um lugar de honra em "*Antares e Livros*"; e, no ensaio de inauguração do busto do poeta, pronunciou uma alocução, que saiu a lume no "*Revista da Academia Brasileira de Letras*", vol. 49. A bibliografia que faz anexar ao 1.º Volume destas "*Poesias Completas*" mostra-nos, além disso, as largas fontes em que se abasteceu para reunir a produção integral, em verso, do célebre escritor maranhense. Conforme não-lo declara em "Prefácio", esse primeiro volume reproduz, *mutatis mutandis*, o texto de "*Poesias*" publicado em vida de Raimundo Correia e do qual se fizeram três edições, todas em Portugal. O volume "*Poesias*" era uma seleção das "*Sinfonias*", dos "*Versos e Versões*", e de "*Aleluias*". O que há de novo, neste primeiro tomo, além do Prefácio e da relação bibliográfica, são, pois, as notas com que o erudito e assinala o sr. Mucio Leão — notas de enorme valor para o estudioso da obra do autor de "*Mal Secreto*". Nas diversas edições em que apareceram estes versos, bem como nas publicações, que deles se fizeram, em jornais e revistas, notam-se variantes de pontuação, grafia, etc., que, todas, o autor desta seleção anota, com a ciência de bibliógrafo afeito a tais pesquisas e trabalhos. O sr. Mucio Leão, advertido-nos, ainda, que o volume segundo é composto dos livros anteriores à seleção de "*Poesias*"; são eles, pois, os "*Primeiros Sonetos*", as "*Sinfonias*", os "*Versos e Versões*" e as "*Aleluias*" — descontados, nestes três últimos, os versos que Raimundo Correia não aproveitou em "*Poesias*". A edição atual representa, por conseguinte, a segunda edição daqueles três livros. Há, ainda, uma coletânea de versos, publicados esparsamente,

em épocas diversas, e cujo mérito (como o acentua o autor da seleção), também se apresenta, variável e incerto. A essa coletânea, que faz parte do segundo volume, deu o sr. Mucio Leão por título o de "*Poesias Avulsas*".

Estudando a significação destas "*Poesias Completas*" e sua valia no conjunto da riqueza poética do País, lembra o sr. Mucio Leão que Raimundo Correia tinha o prazer e o hábito das versões e parafrases. Muitas adaptações de poesias alheias apareceram em sua obra sem a indicação do autor respectivo. Eis, assim, mais um problema bibliográfico que teve de ser resolvido pelo colecionador dos trabalhos do grande poeta maranhense. Duas pequenas poesias, que fazem parte das "*Sinfonias*" trasladadas a vernáculo, trazem, apenas, um nome: Blasco. São "*Dois Mortes*" e "*Nascer... morrer*". Aprofundado o enigma, verificou o sr. Mucio Leão existir mais de um poeta espanhol de nome Blasco. Custou-lhe largos meses de indagações, junto a eruditos estrangeiros, portas e críticos de língua castelhana, a tentativa de saber quem era o Blasco autor daquelas poesias... Tem-se dito e repetido que a ideia central de dois sonetos — os mais famosos, aliás, de Raimundo Correia foi colhida em obras de autores estrangeiros. O pensamento de "*As Pombas*", por exemplo, teria sido captado em Teófilo Gautier... O sr. Mucio Leão, sem negar a fonte inspirativa, defende a originalidade daquela composição de Raimundo Correia, que é muito mais completa e sugestiva do que o trabalho de Gautier. A força, a arquitetura do soneto, a capacidade de suggestion pela sua imensa harmonia e perfeito colorido — tornam "*As Pombas*" propriedade original do autor brasileiro, que, com aquela única soneto, teria, só por só garantida a imortalidade nas letras pátrias.

Uma das grandes virtudes desta coletânea — feita com a meticulosidade, a honestidade e o carinho que o sr. Mucio Leão põe em todos os seus trabalhos, é revelar muitas poesias de Raimundo Correia de que, ou não tínhamos notícia nenhuma, ou já andávamos de todo esquecidos. Estas páginas permitem-nos sondar a profundidade daquele talento, e ajuizar a finura daquela alma. Há sonetos magistrais, de que, porventura, poucos terão notícia em nossos dias. Vejamos o intitulado "Cliteria", pertencente ao volume "*Aleluias*", e que assim reza:

"Rebenta o mar de encontro ao duro peito
Do alcantil que a defesa entrada vela,
E vem lambê-lo, em perolas de seio,
As cárdas conchas da alvacentia orela.
Netúneos deuses, ante a flor mais bela
Da íônia, em seu profundo e salso leito,
Estremecem de amor. Bate aos pés dela
O coração das águas satisfeito..."

Frangiam-lhe o manto as algas e os sarçãos.
Embalam-na rebombos e asobios;
E, envolta em doce e luminosa bruma,

Sente que a envolvem com lascivos braços
Tristes e a osculam grossos beijos frios.
Bócas cheias de beljos e de espuma..."

Exceção feita daqueles desarmoniosos "pés dela".

todo o soneto é uma sequência de perfeições. Notemos o uso do termo vulgar *beljos* (em vez do literário *labios*) para acentuar melhor a grossura do órgão na fantasiada criatura marinha. E atentemos neste mais sutil verso, bem característico da musicalidade impecável que marca os versos dos nossos grandes parnasianos:

"As cárdas conchas da alvacentia orela..."

"Tristeza de Momo", que também faz parte do volume "*Aleluias*" é outro admirável soneto de Raimundo Correia:

"Pela primeira vez, impias risadas
Susta em pranto o deus da zombaria.
Chora, e vingam-se dele, néscia dia,
Os silvanos e as ninfas ultrajadas.

Trojejam bócas mil escancaradas,
Rindo; arrastam-se os dígues da alegria;
E estoura descomposta vozaria
Por toda a selva, e apupos e pedradas..."

Fauna e indígita; a Nálide o espaço;
Sátiros vis, da mais indigna laia,
Zombam. Não há quem dele se condão!

E Eco propaga a formidável vaia,
Que alem, por fundos boqueiros reboca,
E, como um largo mar, rola e se espalha..."

A propriedade da expressão, nestes catorze versos, é soberba. Note-se o uso do verbo "saçar" com objetivo direto, e o emprego, tão discreto quanto adequado, das figuras mitológicas. Numa das habituais notas explicativas, o sr. Mucio Leão diz que, em certas variantes do soneto, há vírgula depois de *susta*. Mas que isso, deveria haver, ali, ponto e vírgula — pontuação que não se justifica depois de zombaria, visto que a segunda oração do período é esta:

Há pleonismo na frase? Sim — mas esta figura é comuníssima na linguagem poética. O que fica ininteligível é a oração: "susta em pranto o deus da zombaria". O que ele susta, são as risadas, evidentemente. Este estudo das variantes dos versos de Raimundo Correia deveria ser limitado por outros pesquisadores da obra dos nossos grandes artistas do verso. O sr. Mucio Leão desenvolve-o com grandes recursos bibliográficos, pois que, há anos, se vem dedicando a esmerilhar edições antigas, velhas coleções de jornais, todo um poeirento material de que vai tirando, com labor e honra, uma nova História da Literatura Brasileira. Há dias, registamos, nestas colunas, a existência de um projeto de lei que visa a dar, ao ilustre escritor recursos para a edição de *Obras Completas* de vários dos nossos prosadores e poetas — bem como para dicionários bibliográficos de grande significação cultural. Deve o sr. Mucio Leão prosseguir nessa proveitosa tarefa. É um modo de servir duplamente às nossas letras: restaurando composições de há muito olvidadas e fornecendo-nos elementos bastantes para o cotejo de edições várias e para o estudo frutífero da obra de alguns dos nossos mais expressivos autores nacionais.

Raridades de Raimundo Correia

Da edição das *Poesias Completas* de Raimundo Correia, agora publicadas pela Editora Nacional em 2 volumes, figura no segundo tomo, uma série de 64 trabalhos do grande poeta que nunca tinham sido publicados em livro. Deulhes o organizador da edição o título de *Poesias Avulsas*, e as colocou, na obra, em seguimento às *Aleluias*.

Dessa parte importantíssima da obra de Raimundo Correia, reproduzimos os trabalhos que se seguem:

Flora de tumulos

Na sepultura de Sócrates
Vê-se a umbelífera em flor,
De letal suco mortífero
E forte e viroso odor

O sinaleiro descabelava-se
Por sobre o vidente hebreu;
Que a flebil harpa elegíaca
Entre as ruínas tangeu.

Cresce o altivo robre da
[Utica]
No sepulcro de Catão;
E no do Mártir do Gólgota
O capinheiro da paixão.

Na cova de Dante, fátrea,
Braceja a árvore infernal;
As raízes são tentáculos,

As fólhas — garras do Mal.

Man a flor que orna o sarcofago
De Buda é difícil ver,
Porque de século em século
Abre, pra logo morrer.

Conselhos

Vogar mais não vale a pena.
Amarra o barco a esta boia;
Não traves por outra Helena
Segunda guerra de Troya.

Ouve um conselho de [amigo];
Deixa de muito escolher;
Eu das mulheres só digo
O que ouço a todos dizer.

Dizem de Cora que, quando
Entra nos bailes, namora,
Valsa demais, e valsando
A perna mostra, e... não [cora];

Nem por ver, dessa maneira,
Que a perna que mostra,
[em vão],
Não é de osso e carne in-
[teira],

Mas metade de... algodão.
De Pacífica, que atoa,
Sem razão se assanha e
[briga];
E de Modesta (perdoa!),
que traz a rel na barriga...

Prudência — em nada é
[cordata].

Benigna — mau modos
[tem];
E ao noivo de Fortunata
A sorte grande não vem.

Os papalvos certos ficam
De que não são, nem metade
do que seus nomes indicam,
Severa e Felicidade:

Aquela — vale um pagode;
E desta outra o vulgo diz,
Que é feliz, como se pode
Na desgraça ser feliz;

Plácida — é plácida e
[inamada],
Como onça ou como leão;
E é, bem sabes, Esperança
O desespero em pessoa.

Inocência — de pecados
Está cheia, como vês;
Diferentes namorados
Tem Constância, em cada
[mês];

Muito svara é — Genorosa;
Angélica — é muito ingrata;
E até, com língua maldosa,
Dizem que Branca é...
[mulata].

Rosa é bela? Embora o seja,
(Se nos espinhos não for)
Semelhante, há lá quem
[veja],
Mulher-rosa à rosa-flor?!

E pois, que inda em tempo
[chego]
Com meus conselhos: — se
[queres]
Ter na vida mais socorro,
Deixa em socogo as mu-
[lheres].

Ao pé da letra as não tomes,
Porque as mulheres estão,
Até com seus próprios
[nomes],
Em viva... contradição.



Raimundo Correia, em um dos seus retratos mais raros.

A VIDA DOS LIVROS

AMARAL, Amadeu — Poesias. Introdução, seleção e notas de Manoel Carneiro Leite. Editora Amarelo Ltda. — São Paulo, 1948, 140 págs.

Amadeu Amaral tem agora uma fúlpida reedição. Surgem estas suas Poesias selecionadas e anotadas por Manoel Carneiro Leite. E na mesma ocasião uma grande editora paulista põe à disposição para muito tempo a obra de um dos maiores poetas brasileiros.

Retratos, estúdios, modestas, discretas, mas de si e de seus poemas, uma obra que chamamos de "Poesias". Amadeu Amaral de novo nos apresenta uma obra de um poeta brasileiro de primeira ordem. O livro é uma verdadeira obra de arte, e a edição é feita com o cuidado de um verdadeiro bibliófilo. A obra é dividida em duas partes: a primeira contém os poemas de Amadeu Amaral, e a segunda contém os poemas de seus contemporâneos. A obra é uma verdadeira obra de arte, e a edição é feita com o cuidado de um verdadeiro bibliófilo.

Amadeu Amaral — nascido em 1873 — pertenceu à geração dos poetas do parnasianismo, e o livro de hoje é uma verdadeira obra de arte, e a edição é feita com o cuidado de um verdadeiro bibliófilo.

Amadeu Amaral — nascido em 1873 — pertenceu à geração dos poetas do parnasianismo, e o livro de hoje é uma verdadeira obra de arte, e a edição é feita com o cuidado de um verdadeiro bibliófilo.

exatidão e de medida precisa, que acabaram por se tornar tão cansativos na retórica parnasiana. Na sua alma de poeta há sentimentos vagos para os quais ele encontra uma vaga expressão. Aqueles versos de Sordana:

Teu sorriso tão suave
de espiritual doçura
é suave e brando como um fôfo

na retorta...

.....
É branda como a lua
pela manhã radiante,
doce como a névoa que

distante.

O que conhecemos, Amadeu Amaral na intimidade, em suas simples camaradagens de um jornal, de uma Academia, quando a recordação de um homem suave e modesto, pouco preocupado em despertar as efêmeras admirações e parecer ao viver perdido numa meditação que não findava. E, essa lembrança que retivemos dele dos poucos meses em que convivemos na Gazeta de Notícias, quando aquele tradicional órgão da imprensa carioca esteve sob a direção de Laudelino Freire.

Aquele mesmo alma sempre suave e gentil, incapaz de um gesto que não fosse de delicadeza e de acolhimento — a alma que antes já havíamos sentido nos versos doces do cantor das Neves, tornando-la

a encontrar aqui, na seleção agora organizada, com tanto carinho, pelo sr. Manoel Carneiro Leite.

Acrescenta-se que a biografia de Amadeu Amaral mereceu igualmente o cuidado do editor; aqui achamos renovada a biografia do poeta, e achamos ao lado de sua minuciosa bibliografia uma abundante relação de fontes sobre ele.

VASCONCELOS, Diogo de — História antiga das Minas Gerais — Introdução de Basílio de Magalhães. 1.ª edição. Biblioteca Popular Brasileira, XXIV — Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro — Imprensa Nacional, Rio, 1948, XXIV — 361 págs.

Diogo de Vasconcelos dedicou os seus melhores dias ao estudo da história de Minas Gerais, e escreveu, com esse vasto e sugestivo assunto, um dos monumentos mais pedregueiros da erudição histórica em nosso país. Ficou imbuído a sua figura à de um Felício dos Santos, à de um Alfredo de Carvalho, à de um Irineu Joffily — a esse grupo de homens raros e utilíssimos que se apaixonaram pelas regiões em que nasceram, que a elas dedicaram seus estudos e por isso se tornaram a matéria prima preciosa e insubstituível com a qual virá trabalhar, no futuro, o escritor feliz que pos-

sa abalancar-se do grande quadro geral à síntese de toda a crônica da vida do país.

Com o seu incomparável amor ao território mineiro, levantou ele as várias colunas desse radioso monumento, que é a sua obra; e essas colunas chamam-se História antiga das Minas Gerais, História Média das Minas Gerais, A Arte em Ouro Preto, História da Civilização Mineira (que ficou incompleta).

E de primeira dessas grandes obras que o Instituto Nacional do Livro realiza agora uma reedição.

Diogo de Vasconcelos deu esse livro em 1904, na plena maturidade dos cinquenta e cinco anos. Havia seis anos que vinha compondo o trabalho, e evocou com certa poesia, o momento em que lhe viera a vontade de dar execução a tal estudo. "Em 1898 (dizia ele em sua advertência) no dia de São João, tendo na forma do antigo costume, ouvido a missa na capela do morro, por aí me conservei algumas horas em meditação depois que o povo se retirou. Fazia no ato dois séculos que a bandeira de Antônio Dias ali chegou para descobrir o Ouro Preto... Concebi, então, o propósito de reunir as memórias que tinha, dos fatos sucedidos nessa época remota, pouco estudada, e muito mal dividida pelos escritores até hoje aceitos como depositários da tradição..."

Foi esse o plano que ele, vencendo tantas e tantas dificuldades, conseguiu realizar.

O conceito carlyleano da história é bem verdadeiro, e ainda aqui sentimos que a história nada mais é do que o reflexo do temperamento e da ação dos heróis. Todo o terreno em que lavram os cronistas e os historiadores do Brasil primitivo se transforma, desde logo, em um terreno de lenda. Pela magia daquele mundo inaugural, cheio de prodígios e de mistérios, nós nos sentimos logo transportados para uma região que parece mais a de um poema épico do que a de uma crônica de história. E essa a impressão que nos dão as cartas de um Nóbrega, ou de um Anchieta, quando eles descrevem o Brasil dos incógnitos. E é essa também a impressão que nos dá Cassiano Ricardo, quando, com a força de seu talento poético, vai desbravar, com os ban-

deirantes, os imensos mistérios do Brasil do Oeste.

Diogo de Vasconcelos, autor frio e linear, não possui, é certo, aquele poder de sugestão épica que às suas páginas sabe comunicar Cassiano Ricardo, nem possui tampouco o ar de ingenuidade e credulidade, que distingue Nóbrega e Anchieta.

Mas a matéria prima de sua narrativa é a mesma: é o mesmo, o encanto trágico do mundo despovoado cujas cortinas ele entrebre em sua História Antiga das Minas Gerais, e mesmo, igualmente rico em substância dramática e humana, é o interesse das coisas que ele conta. Em suas páginas a velha terra de Minas Gerais vive e palpita, banhada de sol e vive seduzindo e prendendo a todos, desde o dia em que o velho Marcos de Azevedo descobriu o primeiro diamante brasileiro.

A margem desse episódio, quanto outro episódio impregnado de drama e de dor aqui encontramos narrado! E em primeiro lugar lembrar-lhe-íamos, leitor, aquele cruel e trágico momento em que o bandeirante Fernão Dias se surpreende truído pelo filho e por vários outros companheiros da bandeira. O velho plantador de cidades não vacila, e dá a cada um deles o castigo apropriado. Ao filho ingrato mandou enforcar. Aos companheiros dele na conspiração perdoou a culpa, com a condição porém de se afastarem de sua bandeira: isto é, condenou-os à morte mais dura e mais lenta em pleno coração das selvas.

Diogo de Vasconcelos caminha entre os seus assuntos da história mineira com a mesma volúpia com que o velho Fernão Dias caminha fora outrora entre as suas esmeraldas... se as tivesse encontrado!

No prefácio que fez para o livro, Basílio de Magalhães evoca, citando as páginas de Almeida Nogueira, o feitiço bom, alegre e gracioso de Diogo de Vasconcelos. E pitoresco e feito o aneddotário que cerca o velho historiador mineiro. Em Ouro Preto e em Belo Horizonte com certeza esse aneddotário será muito mais rico que aquele que conheceu Almeida Nogueira ou conheceu Basílio de Magalhães. Parece urgente que algum mineiro amigo das tradições de sua terra recolha

CRONOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

- 1762 — Nascimento de Sousa Caldas (24 de novembro).
- Nascimento de Bilen-court e Sá (Manoel Ferreira da Câmara).
- 1763 — Data conjectural do feto de Frei Jobastão.
- Nascimento do naturalista Frei José da Costa Azevedo (18-9).
- 1769 — Data possível do nascimento de Frei Silverio Ribeiro de Carvalho, ou Padre Silverio Paraopeba.
- 1794 — Nascimento de José Elói Ottoni (1-12).
- Nascimento de Vicente Coelho de Seabra Silva Telles.
- 1795 — Nascimento de José Bonifácio, o velho (12 de junho).
- 1797 — Nascimento de Maria Dorotéia Joaquina

- de Seixas Mayrink — a Marília de Dirceu.
- Nascimento de Luiz Gonçalves dos Santos (Padre Perereca (25-4)).
- 1768 — Publicação do Parnaso Obscuro, de Claudio Manoel da Costa.
- Publicação em Coimbra das Obras de Claudio Manoel da Costa.
- Nascimento de Frei Francisco de S. Carlos (10-27).
- 1769 — Nascimento de Tenreiro Aranha (4-8).
- Publicação do Uragua, de Basílio da Gama.
- Publicação dos Eustaquidos de Sta. Maria Itaparica.

- Nascimento de F. Vilela Barbosa, M. de Paranaquá (20-11).
- 1770 — Publicação dos Problemas de Arquitetura Civil, de Matias Aires.
- Data conjectural do falecimento de Matias Aires.
- 1771 — Fundação da Academia Científica do Rio de Janeiro.
- Nascimento de Luis Paulino de Oliveira Pinto França, poeta batiano. (30-8).
- 1772 — Publicação em Lisboa de "A declamação trágica", de Basílio da Gama.
- 1773 — Aparecimento do "Vila Rica", de Claudio Manoel da Costa.
- Nascimento de Antônio Carlos (1-11).
- 1774 — Nascimento de Hipólito da Costa (13-8).
- Publicação de "O deserter das Letras", de M. I. da Silva Alvarenga.
- Nascimento de José Feliciano F. Pinheiro, V. de São Leopoldo (9-5).
- Falecimento de Clemente de Lemos de Azevedo Coutinho e Melo (13-2).
- 1775 — Data conjectural do nascimento de Joaquim José Silva, poeta mineiro.
- Nascimento de Marlim Francisco, 1.º.
- 1776 — Falecimento de Angelo de Siqueira Ribeiro do Prado, cuja data de nascimento é incerta.
- 1777 — Falecimento de Pedro Taques (Janeiro).
- 1778 — Nascimento de Fr. Francisco de Santa Tereza de Jesus Sam-pelo.
- 1779 — Nascimento de Domingos Borges de Barros (10-12).
- Nascimento de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.
- Nascimento de Paulo

- (Continua na página 143)



Não há maior beleza

UNIVERSAL
Genève

RELÓGIOS E CRONOMETROS DE PRECISÃO

A VENDA NAS BOAS CASAS

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão

ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:

	Anual	Semestral	Trimestral
Forfe simples	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
Forfe registrado	Cr\$ 120,00	Cr\$ 65,00	Cr\$ 35,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5625.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (até a redação):

- Avenida Almirante Barroso n.º 73, 13.º andar — Fone: 22-9981, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.
 - Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 22-1931. Tratar com Eurico Cardoso.
 - Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.
- Para números atrasados: os dois últimos pontos acima (até a redação).

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

A VIDA DOS LIVROS

esse anedotário, com o qual se poderá formar talvez um gracioso livro, com o título por exemplo de *O Espírito de Diogo de Vasconcelos*.

Não é um assunto sugestivo, Eduardo Friccio?

ALVES, Castro — *Poesias Escolhidas*. Edição comemorativa do centário do nascimento do poeta — 1847-1947 — Seleção, prefácio e notas de Homero Pires. Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro — Imprensa Nacional, Rio, 1947. XXIX-461 pág.

Esta edição das "Poesias Escolhidas" ficou senão um número importantíssimo — acaso o mais importante — das comemorações que o país realizou em homenagem ao grande poeta. Os brasileiros têm o justo orgulho de possuir as duas que poderíamos chamar supremas culminâncias do gênio literário brasileiro: a do verso, com Castro Alves, e da prosa, com Rui Barbosa. A ideia está expressada num pouco sistematicamente, e seria necessário explicar ao leitor mais exigente de precisão, mais sutil, que não é nosso intuito colocar Rui Barbosa, como escritor, acima de Machado de Assis, de Nabuco, ou de João Ribeiro. Mas a excelência destes é mais íntima, é mais de *melodia*; enquanto que a de Rui é mais exterior, é mais de *harmonia*. Basta ver-se que o nome de Rui tem até certo valor de proêmio. Diz-se comumente, entre os estudantes, como para significar a limitação de conhecimentos: "E você pensa que eu sou Rui Barbosa?" Mas ninguém diz o mesmo empregando o nome de Machado de Assis, de Nabuco ou de João Ribeiro.

Com Castro Alves pode-se fazer observação parecida. Há, em nosso romantismo, e nas escolas que vieram depois, maravilhosos poetas, capazes de merecer o amor e a adoração dos leitores: um Álvares de Azevedo, um Casimiro de Abreu, um Fagundes Varela, um Olavo Bilac, um Raimundo Correia, um Vicente de Carvalho, um Alphonsus de Guimaraens; nenhum deles porém ficou seduzido os corações moços, deslumbrando as almas em revolta de amor, merecendo das mulheres, como Castro Alves. Alma feita de entusiasmo, de ardor, de poesia, ele teve tudo o que o poderia tornar feliz — até um desgraçado drama de amor, que o aureolou de uma luz tão lírica e tão melancólica.

Ele teve a felicidade suprema de morrer aos 24 anos de idade, ainda em plena beleza física, quando o seu gênio caminhava para o zenith. Imaginemo-lo chegado aos 80 anos,

como, por exemplo Alberto de Oliveira. Terá sido um político do Partido Liberal, antes da Monarquia; teria talvez figurado com o Conselheiro Dantas em algum ministério; teria feito a propaganda da república, para desludir-se amargamente da República, como o seu companheiro de estudos, Rui Barbosa... O destino amável poupou-o a essas humilhações, e ele morreu em pleno esplendor da juventude, atraindo os seus sonhos de Abolição, formoso, glorioso, luminoso...

E' desse poeta amado dos deuses, que agora, como comemoração do seu centário, um devotado amigo cheio de carinho, como é o sr. Homero Pires, nos dá uma coleção de *Poesias Escolhidas*. O selecionador mostra-nos a dificuldade com que lidou quando teve de fazer a escolha para a elaboração da obra. Castro Alves é todo ele digno de antologias, e o amor dos leitores se estende a todos os seus trabalhos, quase que indiscriminadamente. Resolveu ele o difícil problema, escolhendo das *Esperanças Flutuantes* vinte e cinco produções, das *Poesias Avulsas* 12, dos *Escravidos* 19.

Mas quanta obra prima de eterna ressonância em nosso espírito aqui procuramos em vão! Não foi incluído "O Fantasma e a Canção", nem "A uma estrangeira", nem "O Tarde!", nem "Quando eu Morrer", nem "Coup d'etrier", nem (falta essencial) faz o conhecimento do lado mais irônico e humorístico da alma do poeta) aquela deliciosa flor do lirismo castroalvino que é "Uma página da Escola Realista". Apenas no que se refere à parte das *Esperanças Flutuantes*.

Bem é de compreender que o selecionador não poderia incluir nessa seleção todos os trabalhos do poeta: seria isso renovar as obras completas, que com tanta piedade Afrânio Peixoto editou.

Fica, portanto, o reparo como uma simples observação do nosso gosto. O sr. Homero Pires enriqueceu esta edição com notas biográficas, bibliográficas, culturais, dando-nos assim acréscimo de cada produção de Castro Alves um comentário à margem, cheio de erudição muita vez amena.

Informamos, por fim, que a obra traz numerosos documentos iconográficos — e entre estes alguns desenhos feitos pelo próprio Castro Alves.

CASAL, Aires do — *Corografia Brasileira*. Fac-símile da ed. de 1817. Introdução de Caio Prado Júnior. Coleção de Obras Raras II — Ministério da Educação e Saúde.

Instituto Nacional do Livro, Rio, 1948. 2 tomos de XL-429-4 s.n. e 379-3 s.n.

Aires do Casal foi chamado o pai da geografia brasileira e teve a honra de abrir o caminho em nosso país, aos estudos de um dos ramos mais importantes da ciência. Sua *Corografia Brasileira* teve a primeira edição em 1817, na Imprensa Régia. Em 1833, voltou às livrarias, dada como se achando em 2.ª edição; mas vale Cabral verificou que essa não era uma segunda edição, pois o que havia era que o editor — a casa Laemmert — apenas adquirira o cunha da primeira edição, mudara-lhe a folha de rosto, pusera-lhe os novos dizeres de título...

Só em 1944 (que salvamos) veio a *Corografia* a ter uma segunda edição — foi com a série Brasileira das Edições Culturais de São Paulo.

Esta agora, do Instituto do Livro, é portanto a 3.ª edição. No prefácio desta edição, Caio Prado Júnior dedica um longo estudo à figura de Padre Aires do Casal e à sua obra, estudo que, pelas linhas rijas e azevicas em que foi traçado, não cremos que contribua para melhorar a posição que Aires do Casal tinha no quadro de nossos estudos científicos. Esta era uma posição invejável. Silvío

Romero considera a *Corografia* "uma das mais importantes publicações do nosso século, neste gênero de estudos."

E acerca daquele que classifica como livro importantíssimo, acrescenta: "Casal não se limitou a copiar os seus antecessores; fez pesquisas próprias e julgou com perfeito critério muitos dos erros dos antigos corógrafos brasileiros e portugueses. O livro é além disso notável como retrato do Brasil nos primeiros séculos e como estímulo para estudos posteriores." (História da Literatura Brasileira, 1.º vol.) Esse espírito em que o tinha Silvío Romero foi corroborado pelas gerações que estudaram a *Corografia*, desde 1817 até os nossos dias. Caio Prado Júnior mostra como, trinta anos depois de aparecer a *Corografia Brasileira* ainda servia como fonte principal à redação do grande *Dicionário Geográfico* de Milliet de Saint-Adolphe. E mostra mais do que isso: que em 1821 um escritor inglês, James Henderson, dava em Londres, com o seu nome uma edição da *Corografia*. — Um escritor que serve assim de fonte para um *Grande Dicionário*, que merece a honra de ser copiado e plagiado, será mesmo um autor tão sem importância?

E' claro que Aires do Casal estava bem longe de ser um

Humboldt. Mas também é preciso considerar em favor de Casal que ele vivia num país inteiramente falho de recursos culturais... e sobretudo que de Humboldt só existiu um no mundo...

Aires do Casal ama a natureza que descreve, e isso pelo menos deve ser levado em seu louvor. Ele classifica como encastadora a ciência a que se dedicou, a sua geografia.

E é mesmo como um fascinado que o vemos caminhar em meio aos aspectos físicos e naturais com que se defronta, aqui enumerando as famílias de bichos com que o Brasil conta, ali recordando a forma e a cor da penugem de um passarinho, além pintando o recorte de um monte, a paisagem de um rio.

Faltou-lhe, é claro, a noção mais exata da imensa importância que tinham para os estudos a que se dedicava os elementos econômicos e sociais. Mas não seria justo censurá-lo por não empregar em sua ciência recursos que não eram ainda do seu tempo. Qualquer colégio de hoje sabe acerca das ciências biológicas, físicas ou sociais, coisas de que Aristóteles nem sequer de longe suspeitou. Será isso uma razão para negarmos a grandeza de Aristóteles, para sequer um momento botarmos em dúvida a

(Continua na página 148)

O papel da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco no terreno da Assistência Social

Um dos mais importantes problemas nacionais, que exigem um grande esforço no sentido de sua solução, é o da assistência às classes pobres.

O Estado de Pernambuco, nesse setor, está na vanguarda dos Estados brasileiros. Enquanto no Brasil inteiro despense-se a quantia de Cr\$ 42.000.000,00 em Assistência Social, o glorioso Estado nordestino despense, por si só, Cr\$ 13.400.000,00, ou seja, mais de um terço do que se gasta em todo o território nacional.

Dentro do vasto programa de assistência social a ser desenvolvido por aquele Estado no próximo ano, avulta, com singu-

lar destaque, o plano da construção de um grande hospital, por iniciativa da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco. Segundo nos foi informado, esse hospital — que constará de uma clínica, de uma maternidade e de um ambulatório — terá 300 leitos, para todos os associados e funcionários, abrangendo a edificação uma área total de 9.000 metros quadrados. Será construído no local denominado "Sobrado Grande", no moderno bairro da "Madalena", em Recife, e terá 6 pavimentos.

E' esta uma iniciativa digna dos maiores elogios, e estamos certos de que os seus autores receberão a gratidão e o reconhecimento do povo pernambucano.



LIVROS IPÊ
EDIÇÕES DE QUALIDADE

Koestler: "CRUZADA SEM CRUZ" — O livro do sofrimento e do desespero, que se resolve na resignação e no heroísmo. Cr\$ 40,00

E. e C. von Künhardt Leddén: "MOSCOU 1919" — Uma incursão lógica e fantástica no futuro da Rússia e do mundo. Cr\$ 40,00

Koestler: "O ZERO E O INFINITO" — O livro da revelação e da verdade. Cr\$ 40,00

Choromanski: "CIUME E MEDICINA" — Um romance que realiza uma nova fórmula: as paixões eternas descritas e vividas, num estilo absolutamente inédito. Cr\$ 38,00

Zilahy: "OS DOIS PRISIONEIRO" — A obra-prima do célebre escritor húngaro; o livro que comoveu o mundo. Cr\$ 50,00

Aubry: "HISTÓRIA DA FRANÇA" — A história que chega a ser drama que se torna história. Cr\$ 75,00

Mamigliano: "HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA" — Um maravilhoso passeio pela paisagem encolorada da poesia e das letras peninsulares. Cr\$ 85,00

Chostakowsky: "HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA" — Um livro que é preciso ler para o conhecimento da alma russa. Cr\$ 75,00

Rivet: "AS ORIGENS DO HOMEM AMERICANO" — As mais modernas pesquisas das origens do homem do novo continente. Cr\$ 35,00

Zingarelli: "TRÊS IMPÉRIOS LISMOS EM LUTA" — O mais completo estudo da realidade política atual, num mundo sem paz. Cr\$ 35,00

IPÊ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Queiram enviar-me, por Reembolso Postal, os seguintes livros:

Nome

Rua

Cidade Est.



INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL S.A.

CLASSICOS JACKSON

A Editora Jackson, que já nos deu as **Obras Completas** de Machado de Assis, as de Humberto de Campos, as de Afrânio Peixoto, a valiosa **História do Brasil** de F. de A. Pinheiro, além de tantas outras obras de grande importância para a nossa cultura — presta agora novo e relevante serviço ao Brasil: empreza a monumental edição das obras que chamou de **Classicos Jackson**.

Que vão a ser esse novo em-

preendimento? É fácil e agradável dizer.

Os **Classicos Jackson** constituem uma galeria de 26 volumes, abrangendo autores que vão desde uma verdadeira e feliz síntese do poder de criação espiritual dos homens desde o alvorecer da civilização ocidental até aos nossos dias.

Eis como, representando um total de 6.233 páginas, ficou constituída essa galeria de nomes excelentes:

CIOPEDEIA.
ORACIOS.
GEORGICAS — A ENEIDA.
SATIRAS.
OS FASTOS.
DIVINA COMEDIA.
DIVINA COMEDIA.
OS LUSIADAS.
D. QUIXOTE.
D. QUIXOTE.
MACHETH — REI LEAR.
MORALISTAS ESPANHÓIS.
PENSADORES FRANCESES.
PARAISO PERDIDO.
CARTAS.
FAUSTO.
O GENIO DO CRISTIANISMO.
O GENIO DO CRISTIANISMO.
LENDAS E NARRATIVAS.
VIDA DO PADRE VIEIRA.
MINHA FORMAÇÃO.

vamente. Foram justamente essas as selecionadas para a edição. Prefaciou o volume o sr. Nelson Romero, catedrático do Colégio Pedro II.

HORACIO E OVIDIO. — Segue-se o volume que os editores reservaram a Horácio e a Ovidio, e esses dois poetas ficaram, assim, como os representantes do lirismo latino, ao lado de Virgílio, representante da poesia didática e da poesia épica do mesmo e maravilhoso povo.

De Horácio aqui achamos as **Satiras**, na tradução de Antônio Luis Seabra.

De Ovidio achamos os **"Fastos"**. Como se sabe, propunha-se ele a cantar nessa obra todas as lendas, festas religiosas, acontecimentos históricos e mudança das constelações, dia a dia, no decurso do ano. Infelizmente a morte apanhou esse trabalho, só tendo o autor conseguido fazer a história dos seis primeiros meses. Embora fosse um empreendimento de execução difficilissima em consequência da aparente esterilidade do assunto, Ovidio conseguiu criar uma obra quase perfeita, somente superada na Antiguidade pelos génios universais de Homero e Virgílio. A tradução dos **"Fastos"** é de Castilho. A edição traz prefácio do prof. João Batista de Melo e Souza.

A DIVINA COMEDIA. — Do radioso mundo romano, passamos a triste e metafísica Idade Média. Esta se encontra, na coleção, representada por Dante Alighieri, com a sua **"Divina Comédia"**. A tradução escolhida foi a de Xavier Pinheiro, que vem cuidadosamente anotada. Traz prefácio de Raul de Polillo.

OS LUSIADAS. — Segue-se o volume sétimo, que foi reservado a el-rei Camões e a maravilhosa epopéia dos **"Lusiadas"**. Traz a edição prefaciada de Afrânio Peixoto, e essa página foi uma das últimas que escreveu aquele eminente e saudoso escritor brasileiro.

O DOM QUIXOTE. — A obra prima de Cervantes reservaram os editores os volumes oitavo e nono da notável coleção. Vem a história do Cavaleiro da Triste Figura, na inextinguível tradução de Antônio Policiano de Castilho e traz prefácio — verdadeiro estudo sobre Cervantes — de autoria do escritor espanhol Federico de Onís, professor da Universidade de Columbia.

Shakespeare — Vem a seguir o volume reservado aquele que é universalmente considerado o maior génio da poesia humana: Shakespeare. Da inmensa

obra do poeta inglês foram selecionadas duas tragédias — **"Macbeth"** e **"Rei Lear"**.

MACHETH — todos sabem — é a história de um general escoceês que não trepidou em assassinar o seu rei para subestimar no poder, movido pela ambição. As cenas dos remorsos de indy Macbeth são das mais trágicas em toda a literatura universal. **REI LEAR** é a narração das vicissitudes por que passou o velho rei que dividia o seu reino entre duas filhas que fingiam amá-lo, preferindo a terceira, que verdadeiramente o estimava. A descrição da loucura de Lear é de um trágico inigualável. A tradução de **MACHETH** esteve a cargo do poeta brasileiro Arthur de Sales, que também se encarregou do prefácio ao volume. **REI LEAR** foi traduzido pelo jornalista e professor Jorge Costa Neves.

MORALISTAS ESPANHÓIS — O volume XI foi reservado aos **Moralistas Espanhóis**, em uma seleção feita pelo professor David Perez. O volume é dos mais importantes, por ser dos menos frequentes ao contacto do leitor brasileiro. Começando por Juan Luis Vives, nascido em 1492, vai até 1688, data da morte de Baltasar Gracian, abrangendo cento e cinquenta anos do período mais brilhante das letras espanholas. Abrange os seguintes autores:

JUAN LUIS VIVES — Humanista e filósofo notável. Vives foi, juntamente com Erasmo e Budé, um dos fundadores do Humanismo. Tendo percorrido diversos países da Europa Vives lecionou em sua pátria, em Paris e em Lovaina. Convidado pelo rei Henrique VIII, da Inglaterra, ensinou Direito e Teologia em Oxford, passando depois a Bruges, onde escreveu a maior parte de suas obras, que sobem a mais de sessenta volumes.

ALFONSO DE VALDES — Esse grande escritor foi o primeiro na Espanha a abraçar e propagar a Reforma. Além de seu célebre **"Diálogo das línguas"**, obra de extraordinário valor literário e filológico, escreveu o magistral livro de sátiira **"Diálogo de Mercurio e Caronte"**, do qual se incluem diversos trechos na seleção. Essa obra é considerada a mais perfeita da literatura espanhola em todo o século XVI.

ANTONIO DE GUEVARA — Um dos maiores expoentes da Ordem Franciscana. Guevara foi pregador da Corte de Carlos V, historiador oficial do Império espanhol e bispo na Andaluzia. Dotado de um espírito excepcional, Guevara sobressaiu em todas as empresas a que se dedicou. Entre suas obras principais destacam-se as **"Cartas familiares"**, das quais são apresentadas numerosas neste volume, e **"Livro áureo de Marco Aurélio"**, em que procurou seguir o modelo de Xenofonte na **"Ciropedia"**.

DIOGO SAAVEDRA FAJARDO — Considerado o maior prosador do reinado de Filipe IV. Apesar das suas ocupações diplomáticas Fajardo encontrou tempo para se entregar a sérios e profundos estudos e à composição de obras que lhe granjearam renome universal. As **"Emprazadas políticas"**, ou **"Ideas de um Príncipe Cristiano"** formam um dos volumes mais lidos e estudados da língua espanhola. Essa obra é um verdadeiro tratado de moral, figurando nela todas as virtudes e qualidades necessárias a um príncipe perfeito. Saavedra Fajardo é um dos escritores que convém estudar para conhecer todos os recursos da língua espanhola.

BALTASAR GRACIAN — Prosador e pensador exemplar, e severo moralista, esse jesuíta espanhol foi o escritor que fi-

zou as leis da arte de bem escrever, segundo a escola de cultistas. Destacou-se como professor de humanidades e grande pensador. **"O herói"** e **"O discreto"**, são as mais admiradas de suas obras. Nessa edição são incluídos trechos dessas duas produções do notável estilista espanhol. Gracian foi incluído pela Academia Espanhola no **CATÁLOGO DE AUTORIDADES**.

Traduziu as páginas selecionadas para o volume o escritor Acácio França, falecido há pouco tempo, uma das maiores autoridades em literatura espanhola no Brasil.

PENSADORES FRANCESES — Igualmente dos mais raros e mais preciosos é o volume décimo segundo, que na coleção está reservado aos **Pensadores Franceses**. Abrange os seguintes autores:

MONTAIGNE — Notável escritor, filósofo e moralista immortalizado pelos **"Essays"**, obra em que o autor, ao mesmo tempo em que se descreve e biografia, pinta toda a humanidade. Sem afirmar nem negar coisa alguma, Montaigne chega a sempre à pergunta: **"Quem sabe?"**. Montaigne, uma excepção entre os filósofos coloca a divindade, assim como a virtude, acima de discussão. Segundo Júlio Dantas Montaigne **"pensou em latim, escreveu em francês e sentiu em português"**.

DESCARTES — Célebre filósofo, físico e geômetra, considerado o verdadeiro fundador da filosofia moderna. Além de notáveis descobertas científicas deixou, escritas em estilo brilhante, obras de profunda meditação, entre as quais sobresai o **"Discurso sobre o método"**. Essa obra, que é um verdadeiro monumento das letras francesas, figura completa na seleção dos **"Classicos Jackson"**.

LA ROCHEFOUCAULD — Essencialmente moralista, La Rochefoucauld nos deixou sua obra exemplar **"Maximas e Reflexões"**. Verdadeiro desengano da humanidade, o autor procura demonstrar que todas as ações e todos os sentimentos são sujeitos ao egoísmo, ao amor-próprio e ao interesse pessoal.

PASCAL — Notável escritor, filósofo e matemático, Pascal é o génio mais prodigioso de todo o século XIX. Aos dezesseis anos de idade escreveu um **"Tratado sobre as seções cônicas"**, que causou admiração aos sábios. Aos 23 anos renunciou aos estudos científicos, declarando que **"o homem nada sabe"**, e refugiou-se entre os jansenistas de Port Royal. São dessa época as suas obras filosóficas e religiosas, entre as quais as **"Províncias"** e os **"Pensamentos"**.

LA BRUYERE — O autor dos **"Caracteres"**, moralista irônico, traça os seus retratos com vigor e elegância de estilo, o que lhe deu um lugar de realce entre os grandes pensadores franceses. Influenciado primeiramente pelo grego Teofrasto mais tarde por La Rochefoucauld, La Bruyere foi uma das figuras literárias mais significativas de sua época.

DIDEROT — Pensador, escritor e filósofo, Diderot foi um dos fundadores da famosa **ENCICLOPEDIA**, que revolucionou o mundo. De temperamento insatável, o grande espírito não produziu uma obra continuada, porém pelos fragmentos filosóficos e pelos romances que nos deixou podemos avaliar de quanto era capaz o seu génio.

ROUSSEAU — Romancista e filósofo na **"Nova Heloisa"**, moralista nas **"Confissões"**, pedagogo no **"Emílio"**, foi imensamente influenciado por Rousseau exercido em seu tempo. Além de alguns trechos de sua auto-

biografia **"Confissões"**, não incluídas a **PROFISSÃO DE FÉ DO VIGARIO SAVOIAN**, do **"Emílio"**, obra que lhe custou o desterro.

O escritor e jornalista Brilo Broca selecionou e prefaciou o volume e na tradução teve a colaboração de Wilson Louzada.

O PARAISO PERDIDO — A obra prima de Milton ficou formada o volume décimo terceiro dos **CLASSICOS JACKSON**. A tradução escolhida é da autoria de Joaquim de Lima Leitão, a qual já conta cerca de século e meio e tem sido considerada a melhor de quantas existem em nossa língua. Traz prefácio assinado por Arthur H. Robertson.

As **CARTAS** de Vieira — Particular interesse terá para o leitor brasileiro o volume décimo quarto, pois é formado por uma seleção de **Cartas do Padre Vieira**. São, essas cartas, um acabado modelo do género, e tem grande interesse histórico e biográfico. Discutindo a política a ser seguida com os holandeses, opinando sobre alianças políticas por meio de casamentos, debatendo a questão dos cristãos-novos perseguidos pela Inquisição, defendendo os índios do Brasil ou fazendo seus modelares relatórios ao superior da sua Ordem, Vieira é sempre o estilista inigualável e o escritor incomparável pela riqueza da imaginação e propriedade do vocabulário.

A seleção foi feita pelo escritor e jornalista português Nivaldo Teixeira, encarregado-se de prefaciá-lo o volume o professor Luis de Paula Freitas.

O FAUSTO — Passando ao volume décimo quinta, vamos encontrar o **FAUSTO**, de Goethe, na esplêndida tradução de Castilho. Não será necessário traçar encomias a uma obra que é considerada modelo de linguagem e de fidelidade. Traz a edição prefaciada de Otto Maria Carpeaux.

O GENIO DO CRISTIANISMO — O maravilhoso poema em prosa em que Chateaubriand deixou todo o clarão do seu génio, ocupa os volumes décimo sexto e décimo sétimo da coleção. A tradução escolhida foi a de Camilo Castelo Branco, completada por Augusto Soromenho. Traz prefácio de Tristão de Alameda.

LENDAS E NARRATIVAS — O décimo oitavo volume ficou representado pela formosa coleção da narrativa da história portuguesa, a que Alexandre Herculano deu o título acima. Do grande autor desse livro disse Oliveira Vianna ser **"o escritor mais vernáculo, esmerilhado e perfeito do século XIX"**, e Rui Barbosa declara que **"nas almas foram netas mundações grandes, tão divinas como a desta governa personificação do pensamento científico e da moral cristã"**. O volume traz estudo introdutório do escritor Eduardo Prieto.

VIDA DO PADRE VIEIRA — Para encerrar a sua preciosa galeria os editores escolheram dois grandes modelos da prosa brasileira — João Francisco Lisboa e Joaquim Nabuco.

De João Francisco Lisboa a obra apresentada é a **Vida do Padre Vieira**, livro que com razão tem sido considerado o melhor estudo biográfico até hoje existente do grande jesuíta, não obstante o número bastante elevado de autores que se têm dedicado a esse trabalho. Objectivando a figura de Vieira sob todos os ângulos, João Francisco Lisboa realizou uma obra notável, que o tornou credor da admiração dos críticos e estudiosos. Prefaciou a edição o escritor Peregrino Junior, que ocupa na Academia Brasileira de Letras justamente a cadeira patrocinada por João Francisco Lisboa.

MINHA FORMAÇÃO — De Joaquim Nabuco selecionaram

(Continua na página 148)

Vol. —	— Xenofonte
1.º —	— Cicero
2.º —	— Virgílio
3.º —	— Horácio
4.º —	— Ovidio
5.º —	— Dante
6.º —	— Dante
7.º —	— Camões
8.º —	— Cervantes
9.º —	— Cervantes
10.º —	— Shakespeare
11.º —	— Diversos
12.º —	— Diversos
13.º —	— Milton
14.º —	— Vieira
15.º —	— Goethe
16.º —	— Chateaubriand
17.º —	— Chateaubriand
18.º —	— Alex. Herculano
19.º —	— J. P. Lisboa
20.º —	— Joaquim Nabuco

Como se vê, a mais alta fama literária do mundo já se encontra, já agora incorporada, nessa preciosa coleção, a literatura brasileira.

Em oportuno fixarmos um pouco mais de perto essas grandes obras e seus gloriosos autores.

A CIOPEDEIA. — O primeiro autor escolhido, e que na coleção ficou como o representante da cultura grega, é Xenofonte, o general que comandou o famoso **"Retirada dos Dez Mil"**. Escreveu ele a sua **"Ciropedia"** com o intuito de dar as melhores e mais puras luzes ao espírito do príncipe que era seu discípulo, Ciro o Moço. Sua **"Ciropedia"** foi Educação de Ciro". É uma das mais importantes obras da Antiguidade, e actual-se traduzida em todas as línguas cultas. Seu valor é atestado pelo simples facto de ainda hoje ser citado e estudado por todas as pessoas que desejam adquirir cultura, apesar de ter sido escrita há mais de 2.300 anos. A tradução é de autoria do escritor e filósofo português João Félix Pereira, feita directamente do original grego. Prefaciou-a o professor Antenor Nascentes, catedrático do Colégio Pedro II, erudito e profundo conhecedor do grego.

Os volumes segundo, terceiro e quarto foram dados à cultura latina, e se destinam a nos mostrar Cicero, Virgílio, Horácio e Ovidio.

AS ORACÕES DE CICERO — A seleção das **"Orações"** de Marco Túlio Cicero, ficou constituída e segundo volume, e a mesma obra que os **"Classicos Jackson"** nos dão o modelo dessa intransponível maravilha de harmonia, sobria e pura, que é a prosa latina. A tradução é do padre Antônio Joaquim, da Congregação do Oratório, e é reputada clássica. Para prefaciá-la o volume foi escolhido o professor Alvaro Arantes, da Faculdade de Direito de São Paulo, que é exímio latinista.

AS GEORGICAS E A ENEIDA — Seguem-se constituído o

volume terceiro, as duas obras-primas de Virgílio: **"As Georgicas"** e **"A Eneida"**. O primeiro como toda a gente sabe, é um poema didático, enaltecendo o amor à terra, incentivando o cultivo agrícola. O segundo, poema épico em 12 cantos, tem por assunto as aventuras de Eneias e a fundação de Roma. Essa obra foi considerada a epopéia nacional dos romanos, como a **"Ilíada"** fora a dos gregos. As traduções mais cotizadas dessas duas obras do génio latino são as de Antônio Policiano de Castilho e de Manoel Odebrecht Mendes, respecti-

História do Jornalismo no Brasil: Ferreira de Araujo

Ferreira de
Araujo

BIBLIOGRAFIA DE
FERREIRA DE
ARAUJO

José Ferreira de Souza Araujo nasceu no Rio de Janeiro, em 23 de março de 1846. Era filho de José Ferreira de Souza Araujo e de D. Helena Maria de Souza Araujo.

Estudou Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, e, durante o curso, foi interno do Hospital da Misericórdia. Depois de formado, continuou a estudar esse estabelecimento, entrou também para o quadro do Hospital Militar de Andaraí. A manifestação primordial de Ferreira de Araujo, porém, não se encontrava na Medicina, mas no jornalismo. Começou por dar a sua colaboração a jornais insignificantes, como o *Mosquito* e o *Guarani*.

Dali ascendeu, até se tornar, em determinado momento, o renovador da imprensa brasileira, com o imprimir à *Gazeta de Notícias* novos e mais modernos moldes jornalísticos. Fundando esse órgão, em 1875, com Manuel Carneiro, logo o encontrou no sentido de sua renovadora concepção jornalística. Os fatos dessa orientação ficaram immortalizados no apreço e na celebração dos contemporâneos. Um deles, Olavo Bilac, dirá, quando já no apogeu de sua glória, a emoção com que, rapaz amante, sonhava colaborar na folha de Ferreira de Araujo: "Nunca houve dama, fidalga e bela, que mais inacessível parecesse ao amor de um pobre namorado: — escrever na *Gazeta*; ser colaborador da *Gazeta*; ser da casa, estar ao lado da gente ilustre que lhe dava brilho — que sonho! A *Gazeta* era para mim um acropólis fulgido, coroado de estrelas, perdido entre nuvens..."

E tinha razão Bilac. Ferreira de Araujo reunira nas columnas de seu jornal uma companhia ilustre, na qual se destacavam um Machado de Assis, um Eça de Queiroz, um Ramalho Ortigão, um Alberto de Oliveira, logo depois um Olavo Bilac e um Pardo Maliet, ambos entrados no mesmo dia — 24 de abril de 1890.

Escritor eminente, tanto quanto eminente jornalista de combate político, Ferreira de Araujo encontra-se como igual, como colega, entre esses poetas, esses romancistas, esses ensaístas brilhantes. Tem, na seção *Palas de Estalo*, a responsabilidade de um dos pseudônimos — o de *Lulu Senor*. E essa responsabilidade ressaltava considerável, quando os sabemos que os outros colaboradores da mesma seção chamavam-se Machado de Assis (Lulu), Henrique Chaves (Riancho), Manuel da Rocha (Ly).

Homem de letras, escritor de teatro, principalmente, Ferreira de Araujo deixou numerosos livros, originais ou traduzidos. Na ocasião da fundação da Academia (Continua na página 148)

— *Da alimentação*. Do valor relativo dos sinais diagnósticos da prenhez. História médico-legal do aborto. Do diagnóstico e tratamento das febres perniciosa mais frequentes no Rio de Janeiro — Tese apresentada à Faculdade de Medicina, etc. — 51 págs. — Rio, 1867.

— *Depois da morte ou a vida futura, segundo a ciência*, por Louis Figuer. — Versão — 285 págs. — Havre, 1877.

— *O Primo Basílio* — Comédia em um ato, a propósito do romance de Eça de Queiroz. Foi escrita especialmente para o benefício do ator Silva Pereira. Representada, pela primeira vez, na Fenix Dramática, em 27 de maio de 1875.

— *Jonathan* — Comédia em 3 atos Goudinet, Oswald e Geffert. — Tradução — 189 págs. — Rio, 1880. Foi representada, no Rio, pela primeira vez, no Teatro Lucinda, em 11 de julho de 1880.

— *A filha única* — Drama de Teobaldo Otoni. Tradução de Ferreira de Araujo e Virvaldo Coaraci. — Representado no Teatro S. Luiz, em 21 de agosto de 1881.

— *Cousas políticas* — Artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, de março a dezembro de 1883 — 258 págs. — Rio, 1884.

— *Fagundes* — Comédia de costumes em 3 atos — Levada à cena em outubro de 1884.

— *Palas de estalo* — Rio — 1887. É uma série de artigos humorísticos da *Gazeta de Notícias*, na qual Ferreira de Araujo tinha a responsabilidade de um pseudônimo Lulu Senor — ao lado de Machado de Assis (Lulu), Henrique Chaves (Riancho), Manuel da Rocha (Ly).

— *Macoquinhos no Sótão* — Rio, 1888. É outra seção do mesmo gênero — esta diária — também da *Gazeta de Notícias*. Ferreira de Araujo nela usa o pseudônimo de José Telha.

— *Os Médicos* — Peça em 3 atos, acomodada à cena brasileira. Representada pela primeira vez no Teatro Lucinda, em 6 de julho de 1888.

— *A Baronesa* — Comédia em 4 atos, traduzida do francês. Foi representada no Teatro S. Luiz.

— *Um chapéu de palha da Itália* — Drama em cinco atos de Teobaldo Otoni. Tradução de Ferreira de Araujo e Virvaldo Coaraci. Representado no Teatro S. Luiz.

— *A Política* — É uma coleção numerosa de artigos publicados na *Revista Brasileira*, a partir de janeiro de 1896.

Cada no Senado, aliás por uma pequena maioria de cinco votos, o projeto de lei do divórcio. Sabe-se que o projeto era eminentemente conservador, pois apenas autorizava essa medida em dois casos: adultério comprovado e tentativa de assassinato.

Ainda assim, só permitia o divórcio ao cabo de dois anos de separação, para dar tempo aos cônjuges de bem pensarem a situação em que se achavam, aquela em que iam colocar-se, e a situação em que ficavam os filhos. Não obstante isso foi rejeitado. O que quer dizer que o Senado brasileiro entende que o cônjuge traidor é obrigado a passar durante toda a vida a culpa do outro; e que quando a vítima é a mulher, ela tem de renunciar a toda a esperança de felicidade, a todo bem estar, e ficar para sempre presa a quem a desprezou! Quer dizer mais, que o cônjuge contra cuja vida outro atentou, não tem o direito de procurar em sua fraqueza o apoio de terceira pessoa detida de melhores instintos.

O Senado brasileiro não desconhece que as leis não têm força contra as paixões, contra as necessidades materiais, mas prefere que o cônjuge que tem razão para divorciar-se se entregue ao concubinato, constitua família irregular, procrie filhos privados do direito de herdar e de usar o nome de seus progenitores.

O Senado teve em sua campanha contra a lei moralizadora e justa o aplauso dos sacerdotes católicos. É uma verdadeira aberração do espírito religioso o que leva o padre a pregar a indissolubilidade do casamento civil, que ele considera uma coisa sem valor, quase uma coisa não existente. Para as almas dos crentes só há um verdadeiro casamento, é o que recebe a bênção do ministro de Deus. Podem todas as leis humanas decretar o divórcio, o crente considerará-se casado, e não contrairá novas núpcias, enquanto viver o outro cônjuge; portanto, nos olhos da gente religiosa, a lei do divórcio não pode produzir efeito, e só se considerará divorciado aqueles que obtiverem do Santo Padre a anulação do laço matrimonial, anulação que aliás é possível obter em casos mais numerosos do que aqueles a que se referia a lei rejeitada. Si os padres atendessem a esta ordem de ideias, deveria ser-lhes indiferente que as leis civis autorizassem ou não o divórcio.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante. Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dita; o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as aparências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de se empestiar.

Ferreira de Araujo

Compreende-se o padre que diz aos verdadeiros crentes que só o casamento religioso é válido aos olhos de Deus, não se compreende o que diz aos que não creem que o casamento civil é um concubinato; mas o que de todo brada aos céus é que reterem os padres que isso que eles chamam concubinato, não seja um contrato indissolúvel.

Não há meio de os convencer que o reino de Jesus Cristo não é o deste mundo, que a obediência aos preceitos da Igreja serve para garantir às almas dos crentes a bemaventurança que eles esperam alcançar além túmulo, e que o casamento civil só entende com a vil matéria e com os direitos da família durante a vida terrena.

Os padres sabem mais que basta mudar de religião para que os indivíduos casados religiosamente encontrem quem os case de novo; o próprio sacerdote católico não reconhece a validade do casamento contrai-do perante o ministro de outra crença, e portanto não pode estranhar que lhe passem na mesma moeda; sabe a facilidade com que mudam de religião os indivíduos, que não tendo esta ou aquela crença, pouco se importam de figurar como fazendo parte deste ou daquele grêmio; mas na sua intolerância, pretendem impor as suas leis a todos, pretendem a sujeição dos que desconfiam a sua autoridade, e por isso procuram pesar todos os meios sobre os que têm em relação a eles qualquer dependência, e obter da fraqueza humana o que já não obtém pregando a doutrina.

Em sua obsessão, o padre não vê a própria incoerência, não vê que falsamente completamente o espírito de sua religião. De uma questão de fé, que é e deve ser espontânea, faz um meio de domínio mesmo sobre os espíritos mais rebeldes, as crenças religiosas, e quando obtém pela cabala, pela pressão, vitória como esta, proclama que a maioria da população é católica, por isso que a maioria da representação nacional em uma das casas do Congresso votou no sentido de suas exigências. Si se fosse, porém, a preserção o procedimento religioso de cada um dos que votaram contra a lei, e dos que votaram a favor dela por seguirem o preceito de que há coisas que são de Deus, mas também há outras que são de Cesar, talvez o resultado desse exame não fosse muito favorável aos apóstolos da intolerância.

E o eterno *Crê ou morre*, modificando pelas circunstâncias, imposto pela manha, uma vez que já não é possível impô-lo pela força. É a Iniquidade que subsiste, acastelada nas últimas trincheiras para onde a impetuosa civilização, e de onde domina as consciências, espreitando o lado fraco de cada uma para atacá-lo. Somente, hoje, impõe-se a obediência aos que a professam, e pretende-se que uma sociedade em que há parte que segue diversos credos e parte que não segue credo algum, seja regida por leis ditadas de acordo com um credo único, ou antes, leis mais restritas ainda do que algumas que esse credo tem promulgado.

É que todos os argumentos que os padres formulam contra o divórcio cedem diante de uma consideração única: o pedido de divórcio foi dirigido ao Santo Padre. Ora, se a lei civil de divórcio, o Santo Padre pode anular quantas vezes quiser o casamento religioso, e nos países em que houver casamento civil, este continuará a

vigorar para os cônjuges que o Papa divorciou, e si estes contraírem novas núpcias os filhos que das novas uniões provierem ficarão privados de seus direitos civis. E aí está ao que leva o espírito de intolerância: nos países em que há casamento civil, e não há divórcio, uma sentença do Santo Padre tem de ser desatendida pelas autoridades civis, e cônjuges divorciados não podem contrair segundas núpcias, porque a lei civil não lhes permite o que a lei religiosa os autoriza a fazer.

Não há, porém, razão para que se considere perdida esta campanha. Não há quem ignore que para a derrota do projeto concorreu a circunstância de ser este ano o de eleições, e que a influência do padre na cabala eleitoral, uma das maiores misérias humanas em que ele gostosamente se envolve, ainda é considerável. Apelo para o espírito religioso de uns, para o egoísmo daqueles que, sendo bem casados, não vêm o martírio dos que não têm igual felicidade, para as pequenas ambições destes e para a incapacidade manifesta daqueles, o padre pacientemente fez o seu trabalho de formiga, e dá-se as aparências de apóstolo de uma crença, quando não é mais que o soldado de um partido político, que tanto maneja as armas humanas da intriga como as divinas da promessa de um mundo melhor, promessa que facilmente se transforma em ameaça, sedução que não raro apela para o terror.

Mas, a opinião está formada, e a lei há de passar. E seria estranho que não passasse em um país e sob um regime que libertou a Igreja de todas as penas que lhe impunha o regime anterior que aliás obedecia aparentemente aos ordens de Roma. Ai estão reabertos os conventos, e o governo não mais cobra os bens das ordens religiosas; ai estão restabelecidas as práticas do culto externo, que o império proibiu; ai está a Igreja livre na escolha de seus ministros, senhora absoluta do campo em que se deve exercer a sua ação.

Não é provável que os homens que representam a nação sob tal regime, que pôs em prática todas as tolerâncias para com a Igreja católica, como para com todas as outras, se resignem a ser vítimas da intolerância de um deles, a permitir que a liberdade religiosa que decretaram, se exerça principalmente para ferir e coarctar a sua liberdade civil.

(Revista Brasileira, 1-8-1896).

Do artigo de Apresentação da "Gazeta de Notícias"

"A mim, confesso-o: só uma coisa seria capaz de entristecer-me devesas: chegar à convicção de que dia virá em que hei de deixar de ser moço. Deixar de olhar o mundo pelo seu lado bom; por de parte a santa boa fé para entrincheirar-me atrás da cautela; não estender francamente a mão ao oprimido para dar atenções ao agressor; deixar de rir porque neste mundo, disse-o já não sei que espírito doentio, após o riso vem sempre o pranto, seria viver morto!" — 2-8-875.

De onde viemos? Da mocidade! Que somos? A mocidade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, depressando o que deve ser depressado, erguendo alturas a quem for digno delas, abatendo as estaturas dos falsos (Continua na página 148)

Camões e os Lusíadas

José Ferreira de Souza Araujo

Voga a nóa; vai nela o vate
Que á deusa das eras idas
Dera glórias mais subidas
Que olympos que o tempo tabete.

Venue, bela, a deusa amante,
Ouve o canto, o flego anáclon,
D'encantada — ela, a serela —
Segue o bardo triunfante.

Arde em zelos, ignora,
A onda envolve o convés,
Canto e cantor... Porém para...

Chorava a Deus... e tal fez,
Que o mar, que Venus gerara,
Deu vida no belo outrin vez.

ALGUMAS FONTES SOBRE FERREIRA DE ARAUJO

— *O Alibion* — n.º 31 (julho de 1893).

— *Barbosa, Rui* — *A Imprensa* — 22 de agosto de 1900.

— *Bilac, Olavo* — *Ferreira de Araujo*, in "Crítica e Fantasia" — págs. 221.

— *Bilac, Olavo* — Introdução à *Ironia e Piedade*.

— *A Cigarra*, 6 de junho de 1893 (nota com retrato).

— *Dom Quixote* (várias charges) — 3-8-1895, 6-8-1896.

— *Galeria Nacional* — Vol. 1.º — págs. 92.

— *Gama, Chichorro da (A.C.)* — *Escritos literários* — página 162.

— *Gazeta Literária* — Nota só-

bre *Cousas Políticas* — 20 de março de 1894 — págs. 230.

— *Mequieire* — Retrato — Janeiro de 1891.

— *Pacheco, Felix* — Discurso na solenidade da inauguração do busto de Ferreira de Araujo no Passeio Público — Almanaque Garnier de Janeiro de 1914 — págs. 447.

— *A Semana* — 13-6-1885 e 21-8-1886.

— *Semana Ilustrada* (várias charges) — 5-1-1879, 30-8-879, 1-11-872, 10-7-880, 2-10-880 e 23-10-880.

— *Silva, Inocêncio Francisco* da — *Dicionário* — Vol. 12.

— *Zeca* — *Ferreira de Araujo* (na galeria jornalística) — *A Semana*, 13-6-1885.

SANTA IRIA

Mucilo Leão

UM SONETO DE ANTONIO NOBRE

Um dos sonetos mais formosos do formalismo São Antonio Nobre, é aquele dedicado a Santa Iria. Eis esta obra-prima da poesia portuguesa:

SANTA IRIA

Que floresces em Nabancia no século VII

Num rio virginal d'água clara e mansa,
Pequeno balnei, a Santa vai bolando.
Pouco a pouco dilui-se o ouro das suas tranças
E, diluído, vêem-se as águas alorando.

Circunda-a um resplendor de verdes Esperanças,
Unge-lhe a fronte o luar (os Santos-Oleos) brando
E, com a graça eterna e meiga das crianças,
Formosa Iria vai bolando, vai bolando.

Os cravos e os jasmims abrem-se à luz da Lua,
E, ao verem-na passar, fantástica barquinha,
Formurram entre si: É um mármore que flutua!

Ela entra, enfim, no Oceano... E escuta-se ao luar
A mãe do pescador rezando a ladainha
Pelos que andam, Senhor! sobre as águas do Mar...

Leça, 1885.

Ao estudar a coleção da Semana, de Valentim Magalhães, encontrei no 1.º volume, no número de 5 de setembro de 1885, esse mesmo soneto. Trás ali a data de 1885. Leça da Palmeira; e se anuncia como pertencendo a um livro chamado *Alcancear* — que, como se sabe, Nobre nunca chegou a publicar.

Gostei de ter encontrado o trabalho de Nobre na Semana, porque pude, assim, comparar aquela primeira forma, dada em jornal, no mesmo ano em que foi composto o soneto, com a forma definitiva, dada no livro. E a comparação, como se vai ver, é curiosa — pela alteração completa do sentido espiritual e poético, e até religioso, do soneto; pelas modificações artísticas que o poeta introduz em vários versos.

* * *

Primeiramente, o soneto, tal como aparece na Semana, não celebra "Santa Iria, que floresces em Nabancia no século VII"; mas, sim, Santa Cecilia. Indica-se, em seu título, que ele foi feito "sobre um quadro de Delacroix".

Iria ou Cecilia? Pode um poeta cantar e celebrar com sinceridade, em iguais termos, as duas santas, de maneira que indistintamente pôde em sua declaração de amor e de saudade o envelope de uma ou da outra? Não creio. Elas são, na figura humana, na emoção e na beleza que viveram, no encanto da lenda que inspiraram, em tudo, diferentíssimas. Só o capricho de um poeta meio gira poderia chegar a confundí-las assim...

Quanto às alterações do estilo e da forma, embora não sejam muito numerosas, constituem, acaso, um bom modelo dos trabalhos desse gênero. Posso indicar esse modelo, como estudo e meditação aos aprendizes de poesia, quer dizer a todos os poetas do mundo. São as seguintes as alterações feitas por Nobre:

1.º verso — Onde está o adjetivo clara estava antes o adjetivo pura. Era assim o verso: Num rio virginal de águas puras e mansas;

2.º verso — Onde está: Pouco a pouco dilui-se, estava: Dilui-se, pouco a pouco;

3.º verso — Estava assim: E vai suavemente as águas alorando;

4.º verso — Onde está de verdes, estava o adjetivo recente. Era assim o verso: — Circunda-a um resplendor lúcente de esperanças;

5.º verso — Estava assim: — Unge-lhe a face um luar sereno, untuoso e brando;

6.º verso — Onde está Formosa Iria, estava Santa Cecilia.

7.º verso — Onde está abrem-se, estava abrem;

8.º verso — Onde está: Ela entra, enfim, no Oceano, estava: Ela entra no Oceano.

São essas as diferenças que o soneto apresenta, entre a cópia que está no livro e a que está na Semana. Não é preciso dizer que, todas melhoraram o lindo poemazinho. Nobre era um grande poeta, e não é desses que descobrem emendas piores que o soneto ruim que fizeram...

II

História de Santa Cecilia

— Cecilia ou Iria? Qual será a verdadeira, a legítima dona do soneto de Antonio Nobre? — Por mais que amemos e adoremos Santa Cecilia (e ela é, realmente, digna de amor e de adoração), só ante a imagem de Iria podemos rezar a prece apaixonada do poeta português. É a sua a lenda que confere com a situação moral e religiosa do soneto. A expressão humana, agnóstica e divina de Santa Cecilia é outra, é muito outra.

Vou à *Lenda da Doação*, e é na poesia ingenua e comovida de Jacques de Voragine que leio a história de Santa Cecilia. — Era ela filha de uma família patricial de Roma, e desde criança foi cristã; lê o Evangelho e, quando não se, não cessava noite e dia, seus coló-

quios com Deus... O principal pedido que fazia, em suas orações, era que lhe fosse concedida a graça de nunca perder a virgindade. Fizeram-se grandes milagres, e era hábil no tocar vários instrumentos. Certo dia viu-se noiva de um rapaz chamado Valeriano, e, por mais que procurasse evitar o casamento, não pôde fugir ao leito de esposas. Protegeu-se em rudes cilícios, conseguiu fugir aos carinhos do marido. Certa noite, estando só com ele, revelou-lhe um segredo: Havia um anjo de Deus que a amava, que velava sobre o corpo dela... Se Valeriano quisesse manchar o corpo dela com um pecado de amor, o anjo se vingaria, matando-o... Valeriano, naturalmente, não acreditou nessa história de anjo. Cecilia mandou-o, então, à presença do santo velho Urbano, para que se purificasse. E Valeriano viu Deus, e pôde acreditar e ter fé. E convertido e batizado, voltou à presença de Cecilia. Ao entrar no quarto da esposa, encontrou-a conversando com o seu anjo. Este trazia na mão duas coroas de lírios e rosas. A cada um dos esposos deu uma dessas coroas, e disse a ambos:

— Guardai essas coroas de um coração sem mancha e de um corpo sem impurezas. Eu as trouxe do Paraíso de Deus. Elas não poderão murchar nem perder o perfume, e não serão visíveis para os olhos dos que guardarem a castidade...

A Valeriano, como recompensa pela sua bondade, concedeu o anjo a realização de qualquer desejo que ele expressasse: o rapaz pediu a conversão de seu irmão Tiburcio. Sucedeu que este vinha, naquele momento, visitar o irmão e a cunhada. Tiburcio também viu o milagre das rosas, e acreditou no Deus uno e trino...

Começam, daí, as lutas de Cecilia, Valeriano e Tiburcio contra os pagãos. Era Governador um certo Almachio, que se divertia mandando massacrar cristãos e deixando-os insensíveis. A santa e os seus dois companheiros enterravam os corpos abandonados dos seus amigos em Cristo. Foram os três mandados para a prisão, sob a guarda de Máximo; na enxovia converteram a Máximo e a todos os carcereiros. Conduzidos até a presença de uma estátua de Jupiter, Valeriano e Tiburcio negaram o deus pagão. Foram, então, decapitados.

Pouco depois, fez Almachio vir Cecilia à sua presença. Interrogando-a, ouviu respostas de uma firmeza tranquila e terrível. Disse-lhe ela:

— Tu podes tirar a vida aos vivos, mas não a podes dar aos mortos. És, pois, o ministro da morte, e não da vida.

Em certo momento, Almachio pergunta-lhe de onde lhe vinha tanto orgulho. Ela tornou: "Não é orgulho: é constância".

Não conseguindo fazê-la adorar os ídolos, o Governador condenou-a ao suplício da água fervendo. Durante um dia e uma noite ficou a moça num banho dessa água, queimando. Com o auxílio de Deus, Cecilia ali ficou como se estivesse na água fria: nem uma gota de suor apareceu em sua fronte. Almachio determinou que a decapitassem mesmo no banheiro. Três vezes o carrasco feriu seu formoso pescoço, sem conseguir separar a cabeça do corpo... E como não lhe era permitido dar um quarto golpe, teve de deixar na água o corpo semi-mutilado de Cecilia. Ela ali viveu, meio morta, durante três dias. Pôde ainda distribuir com os pobres tudo o que possuía. Quando morreu, Santo Urbano a enterrou junto aos Bispos e benzeu a sua casa (conforme ela pedira), para a transformar numa igreja. Ocorreu isso tudo no século III, no tempo do Imperador Alexandre. Outros dizem que foi no tempo de Marco Aurélio.

Cecilia ficou sendo uma das santas de mais maravilhoso encanto em toda a alogia cristã. Ficou sendo a protetora da música. E a circunstância de a vermos identificada, dessa forma, com a mais bela e a mais alta das artes, mostra-nos que na eternidade ela está perto, mas muito perto, do coração de Deus.

III

Lenda de Santa Iria

É, pois, Santa Iria a dona do soneto de Antonio Nobre.

Tomando conhecimento da lenda de Iria, é que verificamos que somente a figura dela poderia o poeta ter no espírito, quando sentiu a inspiração daqueles versos.

Iria, ou Irene, nasceu em Nabancia, hoje Tómar, no século VII. Era de família nobre e fez-se monja no convento do abade Cello. Dele enamorou-se o jovem Britaldo, filho do Conde Castilho, Governador de Nabancia. Diz Garrett, de quem recolho essas informações, que mesmo as santas gostam de ver os homens sofrendo de amor... quando elas são a causa desse sofrimento... Não sei se isso é verdade. Sei que Iria, certa manhã, foi à casa de Britaldo, a fim de curá-lo de seus sentimentos. Impôs na fonte escaldante do rapaz as suas doces mãos de santa. E, como por milagre, logo Britaldo curou sua paixão.

Mas, agora que estava curado aquele doente, outro mais grave surgia no caminho de Iria — o monge Romigio, mestre e diretor da moça. Repellido por ela, jurou Romigio vingança. Para isso simulou-se, ele também, curado do seu amor. Mas preparou para Iria uma bebida estranha, que deu à moça toda a aparência de uma gravidez. Informado de que aquela que tanto adorava não era a pureza que ele findava por aceitar, sentindo, por outro lado, renascentes os seus desejos, agora que ela pertencia a outro — Britaldo volta a requisar Iria. Ela, de novo, o repelle. O rapaz delibera, então, tomar uma vingança definitiva. Chama

um criado, de nome Banam, e manda matar Iria. Costumava ela ir, todas as noites, a uma gruta, que havia perto do rio Nábdo, e ali se recolhia em colóquios com Jesus. Foi ali que a esperou Banam, foi ali que ele a matou. Depois tirou a morta o hábito que o recobria, e lançou-lhe no rio o corpo. Tomou-o em suas águas o Nábdo, levou-o ao Zerere. Este, por sua vez, o carregou para o Tejo. E foi o Tejo que, conduzido o que restava de Iria até Scalabastro, ali a baniu as suas areias, e o enterrou como convinha. Mas tarde cresceu e prosperou o lugar em que dormia a santa. E Scalabastro tornou-se a sugestiva, a poética Santarem — que é como quem dissesse Santa Irene, Santa Iria...

Enquanto as águas levavam Iria, enquanto a suavizava o rio fiel, teve o abade Cello uma revelação de que estava acontecendo. Conveceu, então, os monges e o povo de Nabancia, e todos juntos se dirigiram à Ribeira de Santarem. Ali, ele benzeu as águas do rio. Estas se abriram. E, em fino alabastro, erguido pelas mãos dos anjos, apareceu o túmulo de Iria. Retiraram a pedra e viram o corpo da mártir. Querendo tirá-lo dali, não o puderam fazer, tanto ele pesava. Compreenderam que era desejo da santa ali ficar, entre as águas que tão piedosamente a tinham transportado. Ali a deixaram, e levaram somente algumas relíquias — uma fita de seus cabelos, uns pedaços de sua túnica.

Passaram-se seis séculos e meio. Um dia, Santa Isabel, mulher do Rei D. Diniz, se dirigiu ao rio, no lugar em que se sabia que estava, dormindo em seu túmulo, o corpo de Iria. Rendeu ali com tanto fervor as águas do rio, que estas se abriram, e, de novo, deixaram ver o resplandecente sepulcro erguido pelas mãos dos anjos. A pé enxuto, acompanhada de seu real esposo, entrou Isabel pelo leito do Tejo, e chegou até junto ao túmulo de Iria. Por mais esforço que se fizesse, não foi mais possível abrir a sua tampa. Então D. Diniz mandou erguer a toda pressa, sobre o túmulo, um pendão tão alto que as águas não o cobrissem, nem em sua maior enchente. Três séculos e meio depois (em 1644), a Câmara de Santarem mandou refazer em cantaria lavrada, com a imagem da santa, o marco de Dom Diniz.

Essa a história, sem dúvida poética e encantadora, de Santa Iria. Ela, a santa, se tornou um dos objetos mais consoantes da religião portuguesa. E sua figura tem inspirado, através dos séculos, os mais doces poemas, as xacaras mais enternecidas.

IV

A lenda de outra Iria

Ela mesma, ou a outra Iria?

Porque, como nos conta mestre Garrett, tão amoroso das tradições de seu doce Portugal, há duas santas Irias... Ambas moças, ambas adoráveis, a tradição as confundiu. E elas acabaram por formar, na imaginação popular, uma única figura de poesia e infeliz beleza.

A outra Iria parece ter sido a que ficou imortalizada nos romances populares. Era uma formosa moça, que, estando em casa de seus pais, viu chegar, a horas mortas, pedindo pouso, um cavaleiro. Acolhido com atenção, este, que era um homem de maus propósitos, levantou-se de noite, foi ao quarto de Iria, arrancou-a da cama. Em seguida, montando a cavalo, carregou-a para longe, e ao chegar a um sítio que lhe pareceu propício, tentou violentá-la. A moça resistiu, e o bandido, a degolou. Passaram-se sete anos, e o assassino voltou àquelas terras, onde tinha tido tão triste aventura. Viu, no lugar em que degolara a moça, uma ermida, e, indagando de que santo era, foi-lhe respondido que era de santa Iria. Ele compreendeu então a monstruosidade de seu crime sem nome — o de ter raptado, o de ter tentado violentar uma santa. Val a ermida, cal em prantos diante da imagem de Iria, dizendo:

"—Minha Santa Iria, meu amor primeiro. Se me perdoares, serel teu Romeiro".

Ao que, muito severamente, a santa responde:

"Perdoar não te hei de, ladrão carneiro. Que me degolaste que nem um cordeiro".

É claro que a lenda da primeira dessas duas santas representa um elemento de poesia e drama infinitamente mais rico e complicado do que a da segunda. Na última temos apenas um cavaleiro amoroso que, procurando possuir a mulher de seus desejos e não logrando o seu intento, a assassina. Na outra temos o duplo romance do amor e do crime — dois indivíduos apaixonados pela mesma moça, um deles a matando porque a Julia amorosa do outro; temos o Iria transformado, à maneira pagã, em personagem consistente, carregando a lenda da santa para o lugar em que ela deseja dormir seu último sono; temos os anjos, erguendo o túmulo dentro das águas do rio; e temos, enfim, a visita piedosa dos reis ao túmulo em que jazia o corpo da santa.

É evidente que o povo ama e procura tudo o que é mais simples. O romance folclórico que Garrett encontrou dedicado à figura de Santa Iria é alusivo àquela que foi degolada pelo cavaleiro, e não àquela que foi jogada ao rio.

Os poetas eruditos, porém, parecem preferir a Iria que foi levada pelas águas. É a esta que se refere o soneto de Antonio Nobre que deu origem a estas

"O CORVO", DE EDGAR POE

VII

Segunda tradução de João Kopke
(em verso)

Meia noite seria, hora triste! alquebrado
E de tédio vencido, uma vez, debruçado
Sobre tomo e mais tomo, em que antigos autores
Esperavam saber, saber, que bem raros leitores
Têm hoje, eu meditava, o lido ponderando,
Que em tais livros de antanho andara consultando,
E já, do cochilar, meio ao sono passava,
Quando ouvi de repente um bater, que soava
A porta do meu quarto, ali à mão, baixinho,
Como o bater de quem, batesse do mansinho,
Batesse de mansinho à porta do meu quarto.
Dentro em mim, mal o ouvi, disse eu: "A horas tais,
Quem pode vir bater à porta do meu quarto?
Alguém, que me procura. Há de ser. Nada mais!"

Eu então — claramente ainda hoje o relembro!
Esse espectro, no chão, cada braço deixava,
E um espectro, no chão, cada braço deixava,
Que, nos poucos, a morrer, no lar agonizava.
Algo estava eu já por que nascera o dia;
E em vão, dessa leitura, ao meu sofrer, queria
Tirar alívio — alívio a crua e dura mágia;
Algo, que abrandasse a enorme, a funda mágia
De haver perdido, haver perdido, ó, sim! Lenora,
A virgem radiante, a quem saudade chora!
A virgem peregrina, a quem os anjos chamam
Lenora — Aquela a quem, nos céus triunfais,
Lenora, lá no céu, os anjos ora chamam
E quem não terá na terra nunca mais!

E frouxo farfalhar, que vinha das cortinas
De seda roxa, incerto e mesto, nas retinas
Me punha visões tais, e, na alma, tais terrores
Que iguais nunca eu sentira; e em tão cruéis tremores
Me entrava a saudade que, por conter os saltos
Ao coração — por ver quedar os sobressaltos
Em que dubio tremia, entrei a repetir:
A repetir sem conta, entrei a repetir:
"Está alguém a bater à porta do meu quarto;
Este alguém, certamente, à porta do meu quarto;
Alguém que me procura e quer falar. De certo,
Alguém, que sem querer, se atrasou. Pois que mais
Pode ser?... É alguém. Há de ser. E de certo,
E de certo, isto mesmo. Há de ser. Nada mais!"

A alma se me aquietou assim; e, então, perdendo,
Perdendo a hesitação, afloito fui dizendo:
"Quem quer que vos seja, ou senhor ou senhora,
Vosso perdão aqui sinceramente imploro,
Quem, quase a cochilar, confessa, e tão de manso
Batendo vós à porta, à porta tão de manso
Batendo, tão de manso, à porta do seu quarto,
Mal ponde perceber que à porta do seu quarto
Batiste". Neste ponto, à porta dirigindo
Os passos, neste ponto, agora, eu, acudindo
A porta, ao enfrentá-la, abri-lha pronto busco;
E de braço estendido, ao tocar-lhe os humbrais,
Estando-a de vez num movimento brusco:
Lá fora, a escuridão. E só. E nada mais.

E dessa escuridão, cravando o olhar no fundo,
A revolve-la estive, a revolve-lhe o fundo,
Surpreço, apavorado, hesitante, a sonhar
Sonhos, que não ousou ninguém jamais sonhar.
Alto o silêncio, mudo; o mesmo sempre. E a treva,
Calada em frente a mim, nenhum indicio a treva
Me dava. Dela só, somente me chegava,
Me chegava ao ouvido em voz, que o murmurava,
Que nome, e em murmurio, um nome só, Lenora!
Era o que o murmurava; era eu, e a Lenora
E o eco a responder, Lenora repetindo:
Faltava, que só eu, na treva, entre as letais
Armistias da incerteza, em sonhos me afundando,
Faltava a repetir. Só isso. E nada mais.

Voltando ao quarto, então, com a alma em fogo a arder,
Com pouco ouvi de novo, ouvi baixo bater,
Bem de leve outra vez, mas mais alto um pouquinho,
Mais alto desta vez, mais alto um bocadinho.
"E, com certeza, "eu disse", é com certeza, agora,
Uma coisa qualquer, que bate lá de fora
Na gelosias. E? Mas será?... Quem n'ó sabe?...
Quem sabe que mistério há nisto? Quem n'ó sabe?...
Socorro, coração! e deixa-me que o veja;
Que, por meus olhos, sonde o que fôr ali esteja;
Que sonde o que lá for; que o sonde por meus olhos;
Que o mostre ao meu pavor, e, em linhas naturais,
O fato ponha à luz, mostrando-o claro aos olhos.
E, com certeza, o vento, O vento é nada mais!"

Fura o janelão, pois, crescendo, eu a escancaro;
E mal o olhar firmei, logo o vulto deparo
De um corvo senhori dos bons tempos de outrora,
Que, da lufada em pé, entrando lá de fora,

E circungira e paira e se vai, por fim, pôr,
Sem saudar, sem deter-se ou pousar, se vai pôr,
Com ares de fidalgo ou fidalga, assentado
Bem por cima da porta, ao alto empeletrado
Da porta do meu quarto, em um busto de Pallas;
Alcandorado ali sobre o busto de Pallas;
Alcandorado ali, do branco busto em cima;
Do branco busto sobre as formas divinas.
Nesse busto pousei, que a minha porta encima,
Pousei; deixou-se estar. Só isso, e nada mais.

Ao ver dessa ave negra o modo assim severo,
Ao ver com que decoro e com que porte austero,
Ali, defronte a mim, tão grave procedia,
Desfiz-se num momento aquela fantasia,
Que a mente me assaltara, e transmudou-se em riso.
"Embora", disse eu, pois, dando expansão ao riso,
"Tosado", embora, cerce o teu penacho veja,
Não quero crer que tal a covardia seja
Taxada punição. Não és um velho corvo,
Repetente e fatal, que foges ao céu torvo.
Certo, um título tens e fôros de grandeza;
Tens estirpe e braços, teus reinos avernais.
Dize, pois, qual teu nome entre a ilustre nobreza
De Plutão?" E tornou-me o corvo: "Nunca mais!"

De pasmo me tomei ao ver com tal clareza
Falar essa ave horrenda, embora, com certeza,
Sentido não tivesse, ou pouco ou nulo alcance,
A resposta, que deu assim tão de relance.
De pasmo me tomei, porquanto ninguém pode
Fugir a concordar, ninguém, na vida, pode
Dizer que outro mortal já tivesse a ventura
De ver pousar uma ave, ou outra criatura,
Ao alto, sobre a porta, a porta do seu quarto;
Sobre busto, que encime a porta do seu quarto;
Pousar, deixar-se estar e nada mais; uma ave
Horrenda, que visse, afrontando hibernais
Rigores de procela, a noite, austera e grave.
Dizer-lhe que no inferno a chamam. Nunca mais.

Assustou-me resposta assim tão bem cabida,
Que rompeu a mudez até si mantida.
Assustou-me a resposta; e, então, para explicá-la,
Eu me pus a dizer qual quem a modo fala:
"Nestas palavras só consiste certamente
O seu vocabulário; e, nelas, inconciliante,
Reproduz o que ouviu. Com certeza, a algum dono
Infeliz pertencente. Pode ser que a algum dono
Tivesse pertencido, a quem com teimosia
Perseguisse a desgraça, e, na monotonia
Desse estribilho só, distração procurasse
As dores, que gemia — as dores sem iguais
Do seu sofrer, e a mágia nos lábios lhe levasse,
Por desabafo e alento, o grito: "Nunca mais!"

No entanto, o corvo, só, pousado sobre o busto
Quedo, pousado e só, dali de sobre o busto,
Não me deu mais que tal resposta, em que puzera
Talvez toda a sua alma. E nem ao que dissera
Mais nada acrescentou. Nem uma só das penas
Moveu. Não mais moveu de leve uma das penas
Que fôsse, a não ser quando eu, mal e mal, baixinho
E murmurando, falei, mas baixo, bem baixinho:
"Em antes dele já perdi muitos amigos;
Perdidos tenho, sim, por várias vezes, amigos,
Que foram sem retorno. Irá ele também
Sem retorno, assim como os outros ideais
A esperança se foi, e, com o dia que vem,
Este irá". Graças o corvo apenas: "Nunca mais!"

Porém, mais uma vez, essa ave transformando
A tristeza à minha alma e em riso a transmudando,
Fiz rodar um assento e dela o puz em frente,
E do busto e da porta em face justamente.
Bem defronte lho puz; e o corpo, no veludo,
Todo o peso largando, afundei e já tudo
Que estivera a pensar — idêa ou fantasia,
Comecei a prender com êlos, que queria
Jungidos, para ver que sentido quisesse
Aquela ave ominosa à resposta, que dera.
Inculcar; para ver se encontrava o sentido
Que essa ave de feições e gestos espectrais
Na resposta pusera; — achar com que sentido
No crepitar dizia apenas: "Nunca mais!"

Fura tal, eu, sentado, a rever, mas comigo,

O que vira, fiquei, mas a sós, só comigo,
Sem palavra sequer dirigir à agorela
Ave, que, com o olhar, qual rubra fogueira,
O Amago ao coração me estava requetemande.
No coxim do veludo a cabeça pousando.
No coxim, que o clarão da luz como um ôlhar
De cupidéz voraz descia a fluminar,
Eu, a gosto, escrutava o que quisesse o corvo
Dizer no seu falar, que tinha em tanto estorvo.
A fácil compreensão. Nesse coxim, agora,
A fronte eu descansava, em que d'Ela jamais
A fronte pousará qual se pousava outrora.
Não mais se pousará, oh, nunca, nunca mais!

Como que o ar então me parecia mais denso;
A modo que um perfume ali pairou de incenso,
Que, em turicremo vazo, ao ar silente algostem
Serafins, cujos pés em cadência roçassem
A alfândega, que o chão do meu quarto alufava.
E, pois, a inspiração, que sobre mim baixava,
Ordendo, a me exprobar do pavor, que sentia,
Contra mim revoltada, em alta voz dizia:
— Desgraçado! Tu Deu, teu Deus, por estes anjos
Teu Deus tregua te dá; teu Deus, por estes anjos
Remédio à dor te manda. Esquece da Lenora
A perda, e empina a taça, em que as dores mortais
Tu podes afogar. Risca dessa Lenora
Na mente o nome". E graças o corvo: "Nunca mais!"

"Profeta", eu disse então, "ave ou demônio seja,
Profeta mesmo assim e como quer que o seja!
Pelo Céu, que nos cobre, e o Deus, que veneramos,
Por tudo quanto os dois por mais caro prezamos,
Dize, dize à minha alma, a que a dor tanto preme:
A alma, que esta saudade infunda e crua geme,
Dize por compaixão se, no Eden distante,
Em seus braços verá a Virgem fulgurante;
Aquela Virgem santa, a que, no céu, Lenora
Chamam, e que ninguém na terra chama agora;
A virgem, por quem peno — a Virgem, que a saudade,
Me traz sempre na mente em sonhos pereneais!
Oh, dize se algum dia abraça-lhe, em verdade,
Lá no Céu, poderá!" E o corvo: "Nunca mais!"

"Profeta, eu disse então, "ave ou demônio seja,
Profeta mesmo assim! Quer vindo aqui tu seja
A tentar-me, ou lançado o sopro das borrascas
Te houvesse a esta plaga — alívio, mas das vãs
Do desespero livre; — ao ermo desta plaga,
Que um poder infernal no seu eflúvio alaga;
Ao solo deste lar, onde o terror domina —
Se tem a dor, que assim saudade me propina,
Lenitivo, que a acalma, oh, di-lo, que o imploro!
Oh, dize-me se tem este luto, em que choro,
Tregua, que ao meu sofrer as torturas abraça;
Lenitivo, que à dor embote os seus punhais
E, à saudade, que peno, o esquecimento morda.
Oh, di-lo, corvo, di-lo!" E o corvo: "Nunca mais!"

"Que seja essa resposta a nossa despedida,
Ou ave ou tentador! — brudei com a voz trêmida,
Num salto em pé me pondo. "Oh, volta à tempestade!
Volta à noite do inferno! Em minha solidão
Que eu fiquo sempre só! Não debex uma pena,
Nem uma pena só, nem uma negra pena
Das tuas, em penhor desta mentira atroz!
Que acabas de afirmar com refalsada voz!
De sobre o busto saí O vulto, eis, retira
De sobre a minha porta O adunco bico tira
Doqui do coração, onde o cravaste! Oh, vai-te
Embora e deixa em paz meus tristes penetrals!
Ou ave ou tentador, deixa-me em paz! Oh, vai-te!"
E, imóvel, disse o corvo apenas: "Nunca mais!"

E, sem mais se mover, ali se tem pousado,
Imóvel sempre, o corvo; ali, alcandorado
De Pallas sobre o busto — erguido ao alto — acima
Da porta do meu quarto — e mudo e queto a encima!
E os olhos seus são como os olhos de um demônio!
E, da lâmpada a luz, sobre ele em cheio desce
O clarão com fulgor, que vivo resplandece
E lhe estampa no chão a dura e negra sombra.
E minha alma, oh, horror! da treva desce sombra.
— Que fútuza no chão pairando eternamente,
Minha alma do negro, que os giros infernais
Adensam no voar, que pára, eternamente,
Nunca mais se há de erguer! Ai, nunca! Nunca mais!

("Revista do Brasil" — Vol. IV — Janeiro-Abril
de 1917 — págs. 71-83).

NOTA: Veja, neste mesmo volume, as páginas 11,
51, 60 e 111.

muitas notas; e a ela, também, que se referem aquelas
suaves quadras de Afonso Lopes Vieira:

Iria, livre da mágia
E do mundano desejo,
Dorme no fundo do Tejo,
Venerada ao longo da água.

Sempre pura, sempre linda,
Alva, loira, virginal,
Iria repousa ainda
No sepulcro de cristal.

Os anjos ali fizeram
Esta cama cristalina;
E embalsamando, adormeceram
A pobre moça menina.

Iria dorme sonhando
De-baixo d'água, que, ao vê-la,
Com leves passos andando
Jamais acorda a donzela...

Sendo-lhe, enfim, o olhar
Que dos olhos se desafia.

Tem consigo a agulha de ouro
Mais o seu dedal de prata.

Uma coisa acho estranha, ainda. É que Afonso
Lopes Vieira tenha confundido as duas saias. Se ele
can ou, nas trovãs acima, a moça que foi lançada
no rio, por como epigrafe aos seus versos um distico
do romance de Sen. Pina, que em nas "Visões de
minha terra", de Garrett, romance que é alusivo à
outra saia do mesmo nome.

Mas, enfim, os poetas são soberanos no seu reino
e a nós só nos cabe acatar e respeitar seus desejos
sagrados...

Virgílio Melo Franco

Na sexta-feira, 29 de outubro findo, dia em que o Brasil comemorava o transcurso do segundo aniversário da libertação da tirania — tombou sem vida, vítima do mais estúpido crime, o líder udenista Virgílio de Melo Franco.

O assassino foi perpetrado às 4:30 da madrugada, por um antigo copeiro de Virgílio Melo Franco, o indivíduo Pedro Pereira Santiago. Despedido da casa da família Melo Franco por se haver aventurado a solicitar com demasiado ardor os amores de uma criada, fora despedida. Para vingar-se, resolveu assaltar a casa de que fora copeiro. Assaltou-a a primeira vez na ausência de Virgílio de Melo Franco, e de lá carregou duas bolsas recheadas de dinheiro e um revólver de uso do dono da casa. Voltou para um segundo assalto. Foi então apresentado por Virgílio Melo Franco, e, quando subia uma escada que conduzia da sala de visitas ao quarto do casal, repellido a tiro. Respondendo, disparando uma escopada de caça, de propriedade de seu antigo patrão, que momentos antes havia roubado. Desse atroz duelo tombaram sem vida ambos os contendores: o assaltante com o coração varado, nos primeiros degraus da escada que tentava subir; Virgílio com o fígado perfurado, na porta do seu próprio quarto de dormir.

O enterro realizou-se à tarde daquele triste dia, e no cemitério de S. João Batista, à beira do túmulo, fizeram-se ouvir os srs. Prado Kelly, que falou em nome da UDN, partido político cujo chefe em Minas Gerais era Virgílio Melo Franco; Pedro Aleixo, que fez as despedidas do governador de Minas Gerais, sr. Milton de Campos; Lopes Cançado, pela bancada udenista na Câmara Federal; e o ministro Ribeiro da Costa, em nome dos antigos colegas de Virgílio na Faculdade de Direito.

Virgílio Melo Franco nasceu em Ouro Preto, em 1897, e era filho de Afrânio

de Melo Franco, o neto, pelo lado materno, de Cesário Alvim. Formou-se em Direito em 1918, e no ano seguinte via-se eleito deputado estadual em Minas Gerais. Tomou parte no movimento revolucionário que agitou o Brasil em 1930, e do qual resultou a vitória do sr. Getúlio Vargas. Foi, porém, partidário da constitucionalização do país em 1932, e de todo se separou do sr. Getúlio Vargas em 1934. Fez parte da Constituinte reunida naquele ano, e não quis deixar de dar o seu depoimento de homem livre, partidário de ideais democráticos, ao ver o rumo ditatorial que o governo do seu amigo ia tomando. Foi, em 1944, um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, do qual é um dos autores. Foi também um dos fundadores da União Democrática Nacional, par-

tido cuja secretaria geral exerceu, e do qual, como já dissemos, era o chefe na seção de Minas Gerais. Era casado com D. Dulce Boa-Vista de Melo Franco, não deixando filhos.

Ao lado de sua atuação política e parlamentar, Virgílio Melo Franco teve também certa atuação jornalística, e mesmo literária. Em 1925 fundou com Azevedo Amaral e Tristão da Cunha, o matutino O Dia; em junho passado fundou a revista Política e Letras, que já tem feito circular duas dezenas de números.

Deixa dois livros: — Outubro de 1930, volume em cinco páginas é estudada a gênese e o desenvolvimento da revolução que levou ao poder o sr. Getúlio Vargas; e um relatório, feito como secretário geral da UDN, e no qual dá conta das atividades desse partido político.

Bibliografia de Luiz Figueira

- (Conclusão de pág. 137)
- gratidão e submissão por Joaquim da Silva Guimarães, natural da Bahia. — Bahia, Tipografia de Manuel Feliciano Sepúlveda, in-8.º gr. de 8 ff. não num., VI-105-12 pp. num., 2 ff. não num. No fim traz: Bahia, Tip. de B. Sena Moreira, 1852.
- Gramática da língua do Brasil composta pelo p. Luís Figueira, novamente publicada por Julio Plazmann, laureado da Sociedade Americana de França. Fac-símile da edição de 1687. Leipzig, B. C. Teubner, 1878, in-8.º. No fim lê-se: Imprimido na Oficina e Fundação de W. Drugulin, em Leipzig.
- Arte de gramática da língua brasileira do padre Luís Figueira, teólogo da Companhia de Jesus. Lisboa, na Oficina de Miguel Deslandes, ano de 1687. Com todas as licenças necessárias. Nova edição dada à luz e anotada por Emilio Alala. Rio de Janeiro, Tipografia e Litografia a vapor de Lombard & Cia., 1880, in-8.º de 156

pp. num. e 1 ff. de errata.

- A Grammar and Vocabulary of the Tupi Language. Partly collected and partly translated from the works of Anchieta and Figueira, noted Brazilian Missionaries, by Lobs Lucero. — Rio, 1881, 4.º de 236 ps. Na folha de rosto Lucero escreveu: "This Grammar is not sufficiently digested and is arranged badly".
- Vem no tomo XLIII, parte 1.ª, da Revista do Instituto Histórico (1880).

— Serafim Leite, Luiz Figueira. A sua vida heroica e a sua obra literária. Agência Geral da Colômbia, Lisboa, 1940, 251 págs. Contém numerosas referências da pena de Luiz Figueira.

A POROROCA

(Conclusão de pág. 137)

neira o que usó com a agoa com destreza se mete na canoa e só trata de endireitar sempre cõ a corrente; e desta maneira em breue tempo os leua a furia da maré mui longo caminho; ainda que esta ualentia não a fazem senão indios em canoas ligeiras e descarregadas: porém os mais que ande encontrar a corrente, ou se mete em algum esteiro ou riacho até que passa a Pororoca cujo estrondo se ouue de mui longe, ainda que quando já se ouue não tarda muito, ou esperando a Pororoca, como já disse de pois de passar aquella furia das 3 primeiras ondas, se uão remando contra a corrente, em que já não há perigo. (Serafim Leite — Luiz Figueira — Lisboa, 1940).

FARIA NEVES

(Continua na página 148)

para ele, diríamos que eram seus irmãos um Augusto de Lima ou mesmo um Raimundo Correia — aqueles que aliam à tristeza natural da alma dos poetas a capacidade e a finura da meditação filosófica.

Recife reconhece que possui, no autor de Pôr do Sol e de Noite um dos representantes de sua mais bela e eloquente poesia. E' digna de apoio, pois, a iniciativa dos que agora se dispõem a pôr em uma das praças da capital pernambucana o busto de Faria Neves Sobrinho.

Raridades de Raimundo Correia

PEROLAS...

(No album de d. Amelia Mariano de Oliveira).

Não nascem no rio as pérolas:
— A água do rio é tão doce.
Que, para as poder gerar,
Mistér seria que a pérola
Uma lágrima não fosse
E esta expressão de um
[pesar]
Vem do oceano amargo a
[perola]:
— Na água do rio há docuras,
Amarguras na do mar.
Sinceras lágrimas — pérolas
Verdadeiras — que amarguras
Preciso é para as chorar!

ESTRELAS DE PÓ

A poesia zune em rajadas,
Remoinhos e borborões;
Faisca o sol nas calçadas,
Em crúas verberações.

O azul tem reflexos de aço;
Fuma a cal dos muros nus;
Saltam chispas ao mormaço,
E há trombas de poesia e
[luz...]

A poesia, que o sol acende
E o tufão vem levantar,
Em torvelins de ouro esplende
E em fulvas colunas no ar...

Mas chove; e a poesia, caída
No chão, toda é lama só...
Tudo é assim nesta vida,
Fátuas estrelas de pó.

O AMOR

O amor — abstruso fenômeno
Em vão disserta o doutor,
Com ênfase e categórico,
Tentando explicar o amor.

Leva a mão à testa — abóbada
Da sebança interior:
Esfalia-se, perde os óculos,
Cai-lhe em bagas o suor...

Não no entendem os discípulos.
E as disciplinas, pior:
Bocejam de tédio ou riem-se,
Cochichando em de redór.

E eu, simples pastor, que
[rústico],
Só sei cantigas de cor
Na pobre avena, eu, sem
[dúvida]
Me faço entender melhor.

Seleções de Bernard Shaw

Bernard Shaw, prêmio Nobel de Literatura em 1922, vai ficar como um dos escritores mais representativos desta primeira metade do século XX. Sua celebritude é hoje universal. E ele é pela opinião unânime de leitores e críticos, o rei do sarcasmo.

As Edições Melhoramentos vão lançar em breve, em traduções de bons autores brasileiros os mais belos trabalhos de Shaw. Entre aqueles que já estão sendo traduzidos, e que dentro de pouco tempo deverão aparecer nas livrarias contam-se os seguintes:

"Pigmalião", "Saint Joan", "Candida", "Cesar e Cleopatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man Destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Major Barbara".

TODA A POESIA DE GUILLERME DE ALMEIDA

Entre as obras que a IPE, de S. Paulo, tem a lançar, em breve, destaca-se TODA A POESIA, de Guilherme de Almeida. A edição foi organizada num só volume de 700 páginas, em finíssimo papel "biblia", sendo a primeira vez que se produz no país uma obra gráfica nesse sentido.

CLASSICOS JACKSON

(Conclusão da página 144)

os editores o volume intitulado Minha Formação. E' a autobiografia entre todas fascinante, pois em suas páginas vemos refletir-se o esplendor da maior das almas, da mais sedutora das vidas: a alma e a vida do grande diplomata e abolicionista brasileiro. O prefácio da edição é devido a D. Carolina Nabuco, filha de Joaquim Nabuco, escritora eminente que já nos deu a obra de seu glorioso pai um livro modelar.

Al está, em rápida informação, o que é a coleção dos Clássicos Jackson.

Pelo que deixamos escrito, podem os leitores avaliar o valor da contribuição preciosíssima que a cultura brasileira acabou de oferecer os organizadores dessa esplêndida galeria.

DO ARTIGO DE...

(Continuação da pág. 145)

ídolos, tendo em mão o incenso para o talento e a virtude, na outra um chicote para os vendilhões do templo.

A nossa pretensão é simples: dizer o que pensamos e sentimos, ser o que somos.

Luís Senier
(2-5-78)

FERREIRA DE ARAUJO

(Continuação da pág. 145)

demia, foi o dele um dos nomes lembrados para fazer parte do quadro inicial. Não aceitaram, porém, o convite que lhe dirigia Lucio de Mendonça, a fim de tomar parte nos trabalhos preliminares, e por isso deixou de fazer parte da instituição.

Ferreira de Araujo faleceu nesta Capital, em 21 de agosto de 1900. Em 4 de agosto de 1912, foi inaugurado, no Passeio Público o seu busto em bronze, o rando na cerimonia Felix Pacheco.

Usou na Gazeta de Notícias (1887) os seguintes pseudônimos: Luís Senier (Bailas de Estalio), José Teihs (Macaquinhos no Sótão).

É patrono da Academia Carioca de Letras.

CRONOLOGIA DA LITERATURA...

- (Continuação da pág. 142)
- José de Melo Azevedo e Brito.
- 1780 — Nascimento de Beatriz Brandão (29-7).
- Nascimento de Januário da Cunha Barbosa (10-7).
- 1781 — Nascimento de Gonçalves Léo (11-12).
- Publicação do "Camamuru", de Santa Rita Durão.
- 1782 — Nascimento de Antônio José do Amaral (13-8).
- Tomaz Antonio Gonzaga parte para o Brasil, vindo para ouvir em Vila Rica.
- 1784 — Nascimento de Diogo Antônio Fajó (9-8).
- Nascimento de Francisco de Montalverne (9-8).
- Falecimento de Santa Rita Durão (24-1).
- Falecimento de D. Tomaz da Encarnação da Costa e Lima (14-1).
- 1785 — Nascimento de Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos Barauna.

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 143)

imensa importância que ele tem na evolução do saber humano?

— ALENCAR, José — As Minas de Prata — 2.ª ed. — Edições Melhoramentos. — São Paulo, s.d. (1946), 1081 páginas.

E' a 2.ª edição que a Companhia Melhoramentos de São Paulo, em sua preciosa coleção das obras completas de José de Alencar, nos dá desse romance histórico. As Minas de Prata são consideradas o melhor romance, o mais bem construído e o mais poderoso do nosso grande escritor. A edição atual encerra em um volume só os três volumes que formam, nas edições comuns, a obra.

— BANDEIRA, Manuel — Guide d'Ouro Preto. Traduction, notes et biographie par Michel Simon. Illustrations de Luiz Jardim. Ministério das Relações Exteriores, Serviço de Publicações, Rio, 198 ps.

— CASTRO, José — Fundação Social das Universidades — Gráfica Rio, 1948, 11 ps.

E' o discurso que o autor pronunciou na solenidade de sua posse na cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Uni-

versidade do Brasil, em 14 de junho do ano corrente.

— KINER, Grace — Os homens de antigamente — Tradução de José Reis, ilustrações de Kathleen Frantz. — Edições Melhoramentos. — São Paulo, s.d. (1948), 80 págs.

E' um livro destinado aos jovens, no qual se ensinam os segredos da pré-história e da arqueologia. Ornado de 43 desenhos de animais e coisas abrangendo os seguintes capítulos: As origens do homem. O homem das cavernas. Os primeiros pescadores. Os primeiros agricultores. Os primeiros ferreiros. Os primeiros comerciantes. Os primeiros soldados e As primeiras raças humanas.

— PIMENTEL, J. F. de Barcos — O Problema do Petróleo no Brasil — Rio de Janeiro, 1948, 15 págs.

O Embaixador Pimentel viajou, em abril de 1938, o poço petrolífero de Lobato, na Bahia. E' a descrição do que ali viu acompanhado de longos e elucidativos comentários, que encontramos neste seu trabalho.

— QUINTANILHA, Dirceu — Nos 100 Mundos em Vila Terena — Contos — Capa de Percy Deane — 1948 — 115 págs.